



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PEDREIRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

FRANCIMEIRE DA CUNHA DIAS

GÊNERO E AS DINÂMICAS DE PODER: um estudo de *Niketche*: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane

Pedreiras-MA
2025

FRANCIMEIRE DA CUNHA DIAS

GÊNERO E AS DINÂMICAS DE PODER: um estudo de *Niketche*: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Português.

Orientadora: Prof^a. Dra. Regilane Barbosa Maceno

Pedreiras-MA
2025

Dias, Francimeire da Cunha.

Gênero e as dinâmicas de poder: um estudo de Niketche: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane / Francimeire da Cunha Dias. - Pedreiras - MA, 2025.

61 f.

Monografia (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Regilane Barbosa Maceno.

1. Patriarcado. 2. Gênero. 3. Niketche: uma história de poligamia. 4. Paulina Chiziane. I. Título.

CDU: 821.134.3(679)-3

FRANCIMEIRE DA CUNHA DIAS

GÊNERO E AS DINÂMICAS DE PODER: um estudo de *Niketché*: uma história de poligamia, de Paulina Chiziane.

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, como requisito obrigatório para obtenção do grau de licenciada em Letras Português.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Regilane Barbosa Maceno

Aprovação em: 22/12/2025



Documento assinado digitalmente

REGILANE BARBOSA MACENO

Data: 13/01/2026 10:13:51-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ORIENTADORA

Dra. Regilane Barbosa Maceno



Documento assinado digitalmente

RUBENIL DA SILVA OLIVEIRA

Data: 15/01/2026 08:46:06-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

1º EXAMINADOR

Dr. Rubenil da Silva Oliveira



Documento assinado digitalmente

MARIA EVELTA SANTOS DE OLIVEIRA

Data: 13/01/2026 07:07:22-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

2º EXAMINADOR

Dra. Maria Evelta Santos de Oliveira

Dedico este trabalho a minha avó, Vicentina, que partiu antes de ver esta conquista, mas que continua viva na minha memória e coração. E aos meus pais, que sempre disseram "vai, a gente dá um jeito", essa conquista é de vocês.

Dedico também a todas as mulheres, que enfrentam silenciamentos, desigualdades e estruturas de poder que tentam limitar seus caminhos. Que esta pesquisa seja, ainda que modestamente, uma forma de honrar suas histórias e reafirmar suas existências.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Deus, fonte de força, luz e sabedoria, agradeço pela vida, pela saúde e pela coragem concedida em cada etapa desta caminhada. A sua mão esteve presente e me sustentou constantemente nos momentos de dúvida e renovaram minhas forças e esperança quando o percurso parecia mais difícil.

Agradeço também aos meus pais, João Sabino Dias e Maria da Conceição da Cunha Dias, cuja dedicação, amor e sacrifícios tornaram possível cada conquista da minha vida. Obrigada por acreditarem em mim mesmo quando eu duvidei. Tudo o que tenho me tornado carrego como reflexo do que aprendi com vocês. E que mesmo sem nenhum nível de escolaridade, sempre fizeram o impossível para que eu chegasse até aqui.

Ao meu irmão, Francinewthon Dias, pelo apoio, incentivo e pela torcida constante que sempre me fez seguir adiante com mais confiança.

Ao meu namorado, que sempre esteve comigo desde o início, sendo meu incentivo diário, agradeço pela paciência, parceria e por compreender a minha ausência em determinados momentos. Obrigada por estar ao meu lado, celebrando minhas pequenas e grandes vitórias e por ser abrigo nos dias difíceis.

Aos meus amigos, especialmente Maria Kailanne e Eduardo, que fizeram parte dessa jornada, tornando o processo mais leve. Cada conversa, gesto e apoio contribuíram para que eu pudesse continuar.

À minha orientadora, Dra Regilane Barbosa Maceno, por sua dedicação e paciência. Seu olhar atento, suas orientações precisas e o cuidado com cada detalhe foram fundamentais para a construção deste trabalho. Agradeço por ter acreditado no meu potencial e por me guiar com responsabilidade e sensibilidade.

Aos professores que de alguma forma fizeram a diferença ao longo da graduação, cada disciplina, cada ensinamento construíram as bases que sustentam este estudo.

Agradeço também a Universidade Estadual do Maranhão, pelo espaço de aprendizagem, pela oportunidade de crescimento acadêmico e pessoal, e por todos os recursos que tornaram possível a realização deste percurso.

Por fim, a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa trajetória, deixo o meu sincero agradecimento. Este trabalho é também fruto das mãos e das presenças que me acompanharam ao longo dessa caminhada.

“Para que todos vejam, e saibam, e considerem, e juntamente entendam que a mão do Senhor fez isto”

Isaías 41:20

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Gênero e as dinâmicas de poder: um estudo de *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane" analisa as relações de gênero em contextos poligâmicos, tomando como foco a condição feminina, a masculinidade e a hierarquização das relações de poder na sociedade moçambicana. A obra da escritora Paulina Chiziane é aqui compreendida como espaço literário e político que denuncia a opressão patriarcal e propõe a reconstrução de identidades femininas. O objetivo da pesquisa é compreender de que modo a narrativa de *Niketche* problematiza os papéis sociais atribuídos às mulheres e aos homens, evidenciando processos de submissão, resistência e solidariedade feminina, além de questionar os limites da masculinidade na cultura poligâmica. O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica e interpretativa, fundamentada na análise literária e em referenciais dos estudos de gênero e pós-coloniais. Foram abordadas as contribuições de Teresa de Lauretis (1994), Michelle Perrot (2005), Stuart Hall (2006) e Vilma Piedade (2018) entre outros autores. A análise foi desenvolvida a partir de trechos do romance em articulação com os aportes teóricos. Os resultados apontam que a protagonista Rami percorre um processo de transformação: de esposa submissa, limitada ao espaço doméstico, para líder insurgente, capaz de criar laços de solidariedade com as demais esposas e desafiar o poder masculino. A crise da autoridade de Tony simboliza o colapso do patriarcado quando confrontado pela união feminina. Além disso, observa-se que a literatura de Chiziane dá visibilidade à voz historicamente silenciadas e cria um espaço de denúncia e resistência. Conclui-se que *Niketche* é mais do que um romance: é um documento literário que evidencia as violências simbólicas e materiais impostas às mulheres moçambicanas e, ao mesmo tempo, aponta caminho de ruptura, solidariedade e reconfiguração dos papéis de gênero. O estudo contribui para o debate sobre literatura africana de autoria feminina e para a reflexão crítica sobre a dinâmica de poder em sociedade pós-coloniais.

Palavras-chave: Patriarcado; Gênero; *Niketche: uma história de poligamia*; Paulina Chiziane.

ABSTRACT

This Final Course Project entitled "Gender and power dynamics: a study of *Niketche: a story of polygamy*, by Paulina Chiziane" analyzes gender relations in polygamous contexts, focusing on the female condition, masculinity, and the hierarchy of power relations in Mozambican society. The work of writer Paulina Chiziane is understood here as a literary and political space that denounces patriarchal oppression and proposes the reconstruction of female identities. The objective of the research is to understand how the narrative of *Niketche* problematizes the social roles attributed to women and men, highlighting processes of submission, resistance, and female solidarity, in addition to questioning the limits of masculinity in polygamous culture. The method used was bibliographic and interpretive research, based on literary analysis and references from gender and postcolonial studies. The contributions of Teresa de Lauretis, Michelle Perrot, Lúcia Osana Zolin, Heleieth Saffioti, Angela Davis, Stuart Hall, Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Grada Kilomba, Vilma Piedade, and Manuel Castells were addressed. The analysis was developed from excerpts from the novel in conjunction with theoretical contributions. The results indicate that the protagonist Rami undergoes a process of transformation: from a submissive wife, limited to the domestic sphere, to an insurgent leader, capable of creating bonds of solidarity with other wives and challenging male power. Tony's crisis of authority symbolizes the collapse of patriarchy when confronted by female unity. Furthermore, it can be observed that Chiziane's literature gives visibility to historically silenced voices and creates a space for denunciation and resistance. It can be concluded that *Niketche* is more than a novel: it is a literary document that highlights the symbolic and material violence imposed on Mozambican women and, at the same time, points the way to rupture, solidarity, and the reconfiguration of gender roles. The study contributes to the debate on African literature written by women and to critical reflection on the dynamics of power in postcolonial societies.

Keywords: Patriarchy; Gender; *Niketche: a story of polygamy*; Paulina Chiziane.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2. GÊNERO, IDENTIDADE E CULTURA: bases teóricas para a leitura de <i>niketche</i>	16
2.1 A construção social do feminino em contextos africanos lusófonos: entre tradição e ruptura	17
2.2 Vozes subalternas e silenciamento feminino: o grito que atravessa o romance <i>Niketche</i>	22
2.3 Identidade híbrida e diáspora cultural em <i>Niketche</i> : entre o passado colonial e o presente patriarcal.....	25
3. A MULHER NA SOCIEDADE POLIGÂMICA DE <i>NIKETCHE</i> : Submissão, resistência e reconexão	28
3.1 A condição feminina no contexto poligâmico: maternidade, silenciamento e invisibilidade	29
3.2 A pluralidade de vozes femininas em <i>Niketche</i> : entre a dor e a solidariedade....	35
3.3 Da obediência a insurgência: a reconfiguração do papel da mulher em <i>Niketche</i>	38
4. MASCULINIDADE E PODER: O HOMEM NA CULTURA PATRIARCAL MOÇAMBICANA	43
4.1 O modelo de masculinidade na sociedade poligâmica: virilidade, posse e controle	43
4.2 A crise da autoridade masculina: quando o poder é desafiado.....	49
4.3 Relações hierárquicas e desequilíbrio de poder: a estrutura patriarcal em colapso	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	59

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia intitulada “Gênero e as dinâmicas de poder: um estudo de *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane” tem como finalidade analisar as relações de gênero no contexto poligâmico moçambicano, refletindo especialmente sobre três aspectos: o papel da mulher nessa sociedade, a construção da masculinidade e a hierarquização das relações de poder dentro de Moçambique na obra de Paulina Chiziane.

A escolha por estudar *Niketche: uma história de poligamia* parte da relevância da obra tanto no campo da literatura africana de expressão portuguesa quanto na abordagem crítica que realiza as estruturas patriarcais presentes na sociedade moçambicana. Chiziane propõe em sua narrativa uma contundente reflexão sobre o papel da mulher dentro de uma cultura que naturaliza práticas como a poligamia, expondo os mecanismos de dominação e silenciamento a que estão sujeitas as personagens femininas. Diante disso, a obra se revela um campo fértil para o estudo das relações de poder, de construção das identidades de gênero e das formas de resistência que emergem no interior de sistemas sociais tradicionalmente hierarquizados.

Paulina Chiziane é referência da Literatura Africana por ser a primeira mulher a publicar um romance em Moçambique, um dos países do continente africano considerado mais pobres e menos desenvolvido do mundo. A escritora nasceu em 1955, em Manjacaze, na província de Gaza, localizada ao sul de Moçambique e fazia parte de um movimento social e político denominado Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO, que lutava pela independência moçambicana. Por fazer parte desse país e conhecer as realidades vivenciadas pelo povo moçambicano, faz crítica em seus diversos romances à sociedade que começa a se formar no período que segue à independência, debatendo crenças infundadas da superioridade masculina e buscando quebrar preconceitos e desestigmatizar a mulher africana.

Paulina Chiziane (1955) é uma das vozes mais relevante da literatura africana contemporânea. Sua obra é marcada pela denúncia das opressões vividas pelas mulheres e pelo diálogo entre tradição e modernidade no contexto moçambicano. Entre seus principais livros, destacam-se a *Balada de Amor ao Vento* (1990), *Niketche: uma história de poligamia* (2002) e *O Alegre Canto da Perdiz* (2008). Em 2021, Chiziane recebeu o Prêmio Camões, a maior honraria da língua portuguesa,

como reconhecimento à sua contribuição para a literatura e à força de sua escrita engajada, que articula memória, identidade e resistência. Sua trajetória literária e política reafirma o papel da literatura de autoria feminina africana com o espaço de reflexão crítica sobre gênero, cultura e poder.

O romance a que nos propomos analisar neste trabalho conta a história da personagem e narradora Rami, uma moçambicana casada há 20 anos com Tony. Rami é uma mulher que após vinte anos de casamento, descobre que seu marido tem outras quatro esposas em diferentes regiões de Moçambique. Inicialmente, tomada pelo ciúme e pela dor da traição, Rami decide enfrentar cada uma das rivais. Contudo, o que poderia se transformar em conflito, abre espaço para um processo de descoberta e solidariedade. Ao conhecer as histórias de Julieta, Luísa, Saly e Mauá, Rami percebe que todas partilham experiências semelhantes de abandono, desigualdade e violência. A partir dessa convivência, as mulheres passam a reorganizar suas relações desafiando a lógica patriarcal da poligamia e transformando a rivalidade imposta em aliança. Nesse movimento, o romance expõe as contradições entre tradição e modernidade na sociedade moçambicana, ao mesmo tempo em que dá visibilidade a força coletiva frente a opressão.

Tratar da poligamia a partir de *Niketche* significa discutir práticas tradicionais e questões contemporâneas que atravessam o cotidiano das mulheres africanas. O Romance revela como a poligamia, longe de ser apenas uma instituição familiar, configura-se como um dispositivo de poder e de controle sobre os corpos femininos. Nesse espaço, a figura masculina é colocada como centro da autoridade, enquanto às mulheres é reservado o lugar da submissão e do silêncio. No entanto, Paulina Chiziane apresenta, em sua narrativa, brechas nesse modelo, colocando suas personagens diante da possibilidade de transformação, resistência e reconfiguração de seus papéis sociais. Assim, analisar a obra permite não apenas compreender um aspecto da realidade moçambicana, mas também inserir debates em torno das relações de gênero em uma perspectiva mais ampla, que dialoga com o contexto pós-colonial e com os estudos críticos sobre identidade, cultura e poder.

A relevância deste estudo encontra-se, portanto, na necessidade de compreender como a literatura africana de autoria feminina contribui para problematizar os modelos de opressão e para propor novas formas de existência. Ao trazer à tona a experiência de mulheres submetidas à poligamia, mas também capaz de reinventar seus destinos por meio da solidariedade e da consciência crítica, Paulina

Chiziane oferece ao leitor uma reflexão profunda sobre o lugar do feminino em sociedades marcadas pela tradição, pelo colonialismo e pela desigualdade de gênero. Além disso, a obra possibilita pensar como a literatura atua como espaço de resistência, memória e denúncia, cumprindo um papel que vai além do estético e se coloca como instrumento de transformação social.

O contexto histórico em que a obra se insere é igualmente fundamental para a análise. Escrita no período pós guerra civil moçambicana, *Niketche* reflete dilemas de uma nação que, ao mesmo tempo em que buscava se reconstruir politicamente, permanecia marcada por desigualdades sociais e pela permanência de práticas culturais que reforçavam o patriarcado. A independência de Moçambique, conquistada em 1975, não significou automaticamente a libertação das mulheres, que continuaram a ocupar um lugar marginalizado dentro da sociedade. A poligamia, a prática do lobolo, os rituais de iniciação e as estruturas familiares patrilineares são exemplos de tradições que se mantêm como formas de legitimar o poder masculino. Nesse sentido, Chiziane constrói uma narrativa que evidencia como essas práticas impactam diretamente a vida das mulheres, mas também como elas encontram estratégias de enfrentamento e de ressignificação de sua condição.

O percurso da protagonista Rami é exemplar nesse processo. Ao descobrir as outras esposas de seu marido Tony, Rami rompe com a lógica da rivalidade imposta pela poligamia e decide conhecê-las. A partir desse encontro, o romance dá voz a uma multiplicidade de experiências femininas marcadas pela dor, pela maternidade compulsória, pela violência e pela invisibilidade. Contudo, essa mesma pluralidade abre espaço para a solidariedade entre as mulheres, que passam a questionar as estruturas patriarcais e a propor novas formas de convivência. Rami, que inicialmente aparece como uma esposa submissa e traída, transforma-se ao longo da narrativa em uma mulher consciente, questionadora e capaz de liderar uma rede de apoio entre as demais esposas. Sua trajetória simboliza a possibilidade de ruptura com a tradição, sem que isso signifique o apagamento total da cultura, mas sim a criação de novas formas de pertencimento e identidade.

Dessa forma, esse trabalho se justifica pela pertinência de analisar *Niketche* como uma obra que evidencia as tensões entre tradição e modernidade, submissão, resistência, silêncio e voz. A escolha da obra também se sustenta na importância de trazer ao campo acadêmico reflexões produzidas por escritoras africanas, que muitas vezes permanecem à margem do cânone literário ocidental. Ao colocar em foco na

narrativa escrita por uma mulher africana e centrada na experiência de mulheres africanas, busca-se valorizar as perspectivas que historicamente foram silenciadas e invisibilizadas, ampliando o debate sobre gênero, identidade e cultura.

O que diz respeito à metodologia, a pesquisa realizada é de caráter qualitativo e terá como principal objeto a análise da obra literária. Para tanto, foi mobilizado o referencial teórico interdisciplinar, que articula os estudos de gênero, os estudos pós coloniais e as reflexões sobre identidade e cultura. A obra foi lida como texto literário e como documento cultural, capaz de revelar aspectos fundamentais da sociedade moçambicana e de propor reflexões críticas sobre as dinâmicas de poder. O estudo também se apoiou em autores que contribuem para pensar a construção social do gênero, a voz subalterna, a identidade cultural em contextos pós coloniais e a crítica ao patriarcado. Foi realizada também a partir de um diálogo constante entre teoria e obra, de modo a evidenciar como o romance exemplifica e, ao mesmo tempo, questiona conceitos fundamentais trazidos pelos referenciais teóricos.

A análise da obra foi conduzida com o apoio de um referencial teórico que articula os estudos culturais, pós-coloniais e feministas. As contribuições de Stuart Hall (2006) e Homi Bhabha (2013) serão mobilizadas para refletir sobre os processos de construção e identidade e os deslocamentos culturais presentes na narrativa, especialmente no que tange a intersecção entre tradição e modernidade. Teresa de Lauretis (1994), Michele Perrot (2005) e Lúcia Osana Zolin (2009) ofereceram subsídios para compreender os mecanismos de produção e reprodução dos papéis de gênero, enquanto Gayatri Spivak (1994; 2010) contribuirá com sua crítica sobre a marginalização da mulher subalterna e a dificuldade representada no discurso germânicos.

Nesse sentido, a obra levanta uma questão central que orienta essa pesquisa: De que maneira a obra *Niketche: uma história de poligamia* critica a estrutura patriarcal da sociedade moçambicana e problematiza as relações de gênero, especialmente no que se refere ao papel da mulher, à masculinidade e à hierarquização nas relações de poder dentro do contexto da poligamia? É partir desse questionamento que se desenvolverá a análise da narrativa.

Por fim, a pesquisa buscará compreender como *Niketche – uma história de poligamia* tenciona a estrutura familiar poligâmica, revelando as formas de hierarquização que nela operam, tanto entre homens quanto entre as próprias mulheres, conforme critérios étnicos, regionais e etários. Ao explorar essas dinâmicas,

a narrativa de Paulina Chiziane promove uma denúncia contundente das violências simbólicas e materiais que sustentam patriarcado e propõe, ao mesmo tempo, uma reconfiguração dos papéis sociais, fundada na solidariedade feminina e na reinvenção das identidades.

A estrutura desse trabalho está organizada em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. O capítulo 1, intitulado “Gênero, identidade e cultura: bases teóricas para a leitura de *Niketche*”, apresenta os fundamentos teóricos e contextuais que orientam a análise, discutindo conceito de gênero, identidade, pós colonialismo e literatura africana. O capítulo 2, nomeado “A mulher na sociedade poligâmica de *niketche*: submissão, resistência e reconexão” analisa a condição da mulher na sociedade poligâmica moçambicana a partir da obra *Niketche*, explorando temas como maternidade, silenciamento, solidariedade e resistência. O capítulo 3, cujo título é “Masculinidade e poder: o homem na cultura patriarcal moçambicana”, trata da masculinidade e das relações de poder, discutindo como o modelo patriarcal se sustenta e como ele é colocado em crise pela narrativa. Por fim, nas considerações finais, serão retomados os principais resultados da pesquisa, apontando como a obra de Paulina Chiziane contribui para refletir sobre gênero e poder em sociedades pós-coloniais.

2. GÊNERO, IDENTIDADE E CULTURA: bases teóricas para a leitura de *niketche*

A compreensão da obra *Niketche: uma história de poligamia* de Paulina Chiziane, exige um olhar atento para as categorias de gênero, identidade e cultura, pois é nesse entrecruzamento que se estruturam a dinâmicas de poder que atravessam a narrativa. Este capítulo, de caráter teórico, busca estabelecer os fundamentos que possibilitam a análise crítica do romance, articulando aporte dos estudos feministas, pós-coloniais e culturais, a fim de compreender como a literatura moçambicana, especialmente a escrita por mulheres denuncia e subverte as lógicas patriarcais.

O conceito de gênero é central para essa discussão, pois como afirma Teresa de Lauretis (1994, p.228), o gênero é produto de várias tecnologias sociais, como o cinema, os sistemas educacionais e, sobretudo a literatura, que constroem representações sobre o masculino e o feminino. Nessa perspectiva, a literatura de autoria feminina africana não apenas representa, mas também questiona as formas históricas de submissão feminina. Essa visão é reforçada por Michelle Perrot (2005) que lembra que as mulheres foram, durante séculos, relegadas ao silêncio e afastadas da palavra pública, sendo suas experiências excluídas da história oficial.

Outro conceito fundamental é o da subalternidade, elaborada por Gayatri Spivak. Para a autora, "O subalterno não pode falar" (Spivak, 2010, p.59) ou seja, sua voz é constantemente silenciada por estruturas de poder que não apenas oprimem, mas também controlam os espaços de fala. No romance, esse silenciamento se evidencia nas personagens femininas que em meio a poligamia, lutam para romper o que foi imposto e reinscrever suas vozes na história.

A discussão sobre identidade cultural também é imprescindível, sobretudo porque *Niketche* é ambientado em Moçambique, país atravessado por uma herança colonial que se articula com tradições locais. Stuart Hall (2006, p.13) destaca que a identidade não é fixa; mas sim um processo em constante transformação: O sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Essa fluidez identitária é perceptível na trajetória de Rami, protagonista que transita entre a submissão e a resistência, entre a tradição e a ruptura.

No mesmo sentido, Homi Bhabha (2013) propõe o conceito de *entre-lugar*, em que as culturas se encontram de maneira ambígua, dando origem a novas formas de significação. Tal ideia se aplica às mulheres em *Niketché*, que vivem no cruzamento de valores patriarcais tradicionais, demandas modernas e emancipação, configurando identidades híbridas. Como observa o autor, é nesse espaço de ambivalência que surgem possibilidades de resistência.

Portanto, esse capítulo tem como objetivo estabelecer um diálogo entre a teoria e a obra, percorrendo três eixos principais: a construção social do feminino em contextos africanos lusófonos, onde tradição e ruptura se confrontam; a condição da mulher como sujeito subalterno e a busca por voz; a identidade híbrida das personagens, marcada pelo legado colonial e pelo patriarcado. Esses fundamentos teóricos são alicerce para a leitura crítica do romance, evidenciando como a literatura pode ser espaço de denúncia, de memória e de resistência.

2.1 A construção social do feminino em contextos africanos lusófonos: entre tradição e ruptura

A construção do feminino em sociedades africanas lusófonas, sobretudo em Moçambique e países como a Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, é marcado por um entrecruzamento de práticas culturais tradicionais e imposições coloniais portuguesa que reforçam as normas patriarcais. Eles não podem ser compreendidos sem considerar a sobreposição de duas camadas de dominação: de um lado as tradições locais marcadas pelo patriarcado, como a poligamia, o lobolo e os rituais de iniciação feminina, no caso de Moçambique; de outro, as imposições coloniais portuguesas, que reforçaram ideais europeus de domesticidade e submissão. Assim, nesses países, a mulher africana foi duplamente silenciada, carregando tanto os limites impostos pela cultura patriarcal tradicional quanto pelas normas coloniais que a relegavam ao espaço privado.

Dessa forma, compreende-se que a colonização por muito tempo implantou costumes e reorganizou estruturas sociais com base em ideais europeus pautados em domesticidade e submissão, criando um modelo de mulher ideal que deveria ser obediente, recatada e subordinada ao poder masculino. Neste período, a igreja e o Estado português desempenharam um papel central na reorganização das relações de gênero. A missão cristã impôs à mulher africana o ideal de boa esposa e mãe, o que exigia dela a devoção, o recato e a obediência.

Já a educação colonial, restrita às meninas da elite, tinha como principal finalidade prepará-las para o casamento e o serviço doméstico, práticas que reforçam a submissão à autoridade masculina. Há um trecho na obra que representa essa preparação para o casamento para a subordinação, como vemos a seguir:

— Comecei a fazer enxoval aos quinze anos — explico. — Bordar naperons. Fiz colchas e toalhas em croché. Toalhas bordadas, com o ponto pé de flor, ponto pé de galo, ponto de cruz, ponto jugoslavo, ponto grilhão. Fiz curso de cozinha e tricô.

— Cresci no campo e não conheci nada dessas coisas de bordados e enxovais. Diz-me, como foi a preparação nas vésperas do casamento?

— Tinha aulas na igreja, com os padres e as freiras. Acendi muitas velas e fiz muitas rezas. — E o que te ensinava a tua família?

— Falava-me da obediência, da maternidade.

— E do amor sexual?

— Nunca ninguém me disse nada.

— Então não és mulher

— diz-me com desdém

—, és ainda criança. Como queres tu ser feliz no casamento, se a vida a dois é feita de amor e sexo e nada te ensinaram sobre a matéria? (Chiziane, 2004, p. 32)

O trecho é uma poderosa crítica à educação patriarcal e religiosa que, historicamente, preparou as mulheres apenas para o papel doméstico e reprodutivo, deixando-as completamente ignorantes sobre a dimensão sexual e afetiva do casamento. Com base nisso, essa representação feminina é revelada com complexidade em *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane. A obra apresenta problemas sociais, históricos e culturais que moldam a subjetividade das mulheres em sociedades coloniais e patriarcais. Rami, personagem principal, é constituída como um espelho da mulher moçambicana, urbana, educada dentro dos padrões cristãos e coloniais, mas confrontada com uma estrutura familiar tradicional, sustentada pela lógica da poligamia. A partir disso, a narrativa denuncia as múltiplas formas de silenciamento e disciplina ao qual as mulheres foram submetidas.

Teresa de Lauretis (1994), em seu ensaio titulado "*A tecnologia de gênero*", propõe que o gênero não é uma essência ou uma característica natural, mas sim uma construção que atravessa práticas discursivas e sociais:

O gênero é constituído e constituinte de representações sociais; é uma construção produzida em contextos históricos específicos, atravessada por práticas discursivas, instrucionais e culturais. [...] O gênero, portanto, não está onde o nomeia, mas onde ele é praticado socialmente, onde é representado, reproduzido, contestado e resignificado." (Lauretis, 1994, p. 221)

No romance, essas tecnologias de gênero se materializam nas práticas educativas e rituais, como a iniciação a vida sexual, o preparo para o casamento e a expectativa da pureza feminina. Essa concepção permite compreender que o papel da mulher em *Niketche* é resultado de um longo processo de normatização e naturalização do papel da esposa, como se fosse um destino biológico que atua sobre o corpo e a consciência das personagens. Com isso, *Niketche* encena o adestramento feminino.

Quando a narradora apresenta um trecho da fala de Mauá, em que ela diz que não tem jeito para nada, pois foi educada para ser esposa e dá carinho. Que não se imagina a trabalhar e nem se quer envolver em tal situação (Chiziane, 2004. p. 98). O feminino, aqui é moldado a um espaço que confina a mulher a sujeição e a afasta da possibilidade de questionar, ter voz e autonomia.

Na obra, a formação das mulheres é pautada por um ideal de fragilidade e delicadeza, os que as torna mais vulneráveis a violência simbólica e física do patriarcado. A própria Rami reconhece essa contradição:

- És uma mulher dura.
- Uma mulher é educada para ser sensível como a boneca de porcelana, que se desfaz em cacos na simples queda. Preparada para a fineza e delicadeza, mas os homens dão-nos carícias com mãos rijas como ferro e nos quebram ao simples toque.” (Chiziane, 2004, p. 251).

Essa metáfora da “boneca de porcelana” ilustra como a educação feminina as condiciona para aceitar a submissão e o sofrimento como parte da vida conjugal, legitimando a agressão masculina. Além disso, *Niketche: uma história de poligamia* mostra como as tecnologias de gênero se manifestam desde a infância, delimitando as oportunidades e condicionando as mulheres à dependência. Essa dinâmica é questionada pela protagonista, como vemos a seguir:

Quem carrega no ventre os mistérios da criação e as sementes da eternidade, para dar luz à vida e iluminar a cegueira do mundo? Somos nós, mulheres, somos nós! Quem dá o conforto à vida? Somos nós. Quem faz os machos sentirem-se mais machos, vestirem as plumas da glória e vencerem todos os combates? Somos nós. Quem amacia a alma com flor, depois de um dia de labor? Somos nós. Somos nós a noite e a madrugada num só astro. Somos nós que semeamos a flor e o vento que transporta a nuvem negra que fertiliza a terra. Somos a curva do céu e a curva da terra no sim do horizonte. Somos o centro à volta do qual todas as curvas do universo se curvam. Mas somos nós que colhemos a tempestade. É a nós que a vida sufoca, lentamente, e enterra nas entranhas do morro distante. É a nós que os homens matam de sede, docemente. Somos nós a quem o mundo obriga a procurar um homem rico para receber migalhas da sua mesa. É a nós que a sociedade não dá oportunidade para ganhar com dignidade o nosso próprio pão. Em cada dia buscamos o amor e só encontramos enganos. Procuramos a flor e só

encontramos espinhos. Buscamos o pão e a sociedade nos dá pedras em grão. Buscamos are só encontramos chuva de cinzas que apaga o sopro da nossa existência. Nas nossas aldeias, somos levadas às escolas de sexo com dez anos de idade e aprendemos a alongar os genitais, para nos tornarmos lulas, tunas, polvos e bicos de peru. Enquanto isso, os homens vão para a escola do pão. Enquanto eles aprendem a escrever a palavra vida no mapa do mundo, nós vamos pela madrugada fora, atrás das nossas mães, espantar os pássaros nos campos de arroz. (Chiziane, 2004. p,290)

Esse trecho evidencia a centralidade do trabalho feminino para a manutenção da vida da comunidade, ao mesmo tempo que denuncia a desigualdade estrutural que impede as mulheres de terem acesso às mesmas oportunidades que os homens

. Segundo Lúcia Osana Zolin (2009), no texto *Crítica feminista*, a literatura tem um papel crucial ao revelar e questionar esses dispositivos de gênero:

A crítica feminista procura revelar os modos como a literatura participa da construção, manutenção ou desconstrução dos papéis sociais de gênero. [...] O olhar da crítica está voltado não apenas para a representação das mulheres nas obras, mas também para os dispositivos ideológicos que sustentam tais representações e para as vozes que tentam subvertê-las.” (Zolin, 2009, p. 45).

Niketche se insere nesse processo de desconstrução, pois apresenta mulheres que, mesmo educadas para a submissão, passam a questionar as normas que regem suas vidas. Contudo, se o gênero é prática social, como afirma Lauretis, ele também poder ser contestado e reconfigurado. E é nesse ponto que o romance começa a articular a ruptura. O momento em que Rami decide reunir as outras esposas de Tony, inicialmente motivada pelo ciúme, transforma-se em um movimento de escuta coletiva e reorganização do feminino, rompendo com a lógica patriarcal de rivalidade. A reunião faz com que Rami perceba a gravidade da situação de todas e a necessidade de transformação:

Coloquei o dedo nas feridas da alma e espremi lamentos. Desencantos. Desabafos. Estas mulheres simbolizam a dor do mundo. Bebo as suas dores, os seus sentimentos. Elas tinham no peito uma flor e se deram por amor. Abriram o corpo, esse mágico labirinto, e deixaram germinar outras flores sem rega, nem pão, nem esperança. Sofro por essas crianças. A situação destas concubinas é de longe pior que a minha. Sem proteção legal, nem familiar. As casas onde moram são propriedade do senhor, é ele quem paga as rendas no fim de cada mês. Pode expulsá-las quando entender, arremessá-las à pobreza total. Se ele morre, não terão direito a nada, porque não constituem família de coisa nenhuma, são apenas satélites da família principal. É preciso inverter a ordem das coisas. Mas como? Reúno todos os sentimentos recolhidos em cada boca e faço a radiografia do amor (Chiziane, 2004, p. 104-105)

A ruptura não se dá de forma abrupta ou externa, mas emergem dentro da própria tradição, quando as mulheres, ao tornarem consciência de suas histórias compartilhadas, constroem laços que desafiam a lógica da submissão e da rivalidade. Essa tomada de consciência expressa o que Gayatri Spivak (2010) em seu clássico ensaio “*Pode o subalterno falar?*” (2010) ao problematizar as condições de possibilidade de fala das mulheres subalternizadas. Portanto, quando se fala em emergência da voz subalterna, trata-se do momento em que sujeitos historicamente marginalizados, como são as mulheres no romance, encontram fissuras dentro do sistema de opressão para expressar suas experiências e reivindicações, desafiando o pacto do silêncio.

A reunião que Rami propõe torna-se um gesto de insurgência, pois rompe com a estrutura poligâmica baseada na autoridade masculina e inaugura uma nova organização simbólica entre as mulheres. Como ela afirma “a mulher não deve ser inimiga da outra mulher. Somos todas vítimas. Devíamos estar unidas” (Chiziane, 2004, p. 103). É a partir dessa tomada de consciência que as personagens se posicionam como agente da mudança, demonstrando o desejo de reconfigurar as estruturas que a oprimem: “é preciso inverter a ordem das coisas. Mas como? reúno todos os sentimentos recolhidos em cada boca e faça a radiografia do amor” (Chiziane, 2004, p. 105).

Essa ação ecoa o que Bamasile (2012) define como um dos traços marcantes da literatura africana da autoria feminina, é que as escrituras africanas desafiam as narrativas coloniais e patriarcais, criando textos que servem como espaços de negociação simbólica e reconstrução cultural. A ruptura, nesse sentido, é uma forma de reconstrução subjetiva e coletiva, resgatando voz silenciadas e reorganizando os sentidos o feminino nos contextos africanos lusófonos.

Ao partilhar as dores e (re) conhecer-se nas outras, Rami descobre espaço de construção coletiva que desafia a hierarquia patriarcal. Stuart Hall (2006, p. 13) lembra que a identidade nunca é fixa, mas está em processo, atravessada por contradições. Rami, que inicia a narrativa como esposa traída e submissa, vai se transformando em cúmplice, líder, questionadora, encarnando essa fluidez identitária.

Nesse sentido, *Niketche* narra as experiências das personagens femininas, evidenciando como se estrutura a vida das mulheres africanas moçambicanas e, ao mesmo tempo, dá visibilidade aos espaços de resistência e solidariedade que se formam no interior dessas estruturas. Assim, a tradição, que muitas vezes legitima a

desigualdade, também se torna um lugar de ruptura, de reorganização coletiva e de reconfiguração do feminino.

2.2 Vozes subalternas e silenciamento feminino: o grito que atravessa o romance *Niketche*

O silenciamento das mulheres é um dos pilares estruturantes das sociedades patriarcais e coloniais, onde o silenciamento da palavra feminina significava também a exclusão da mulher da esfera pública, da memória histórica e da construção de sentidos coletivos. Em contextos africanos lusófonos, como o de Moçambique, essa lógica se aprofundou pela sobreposição de tradições locais, marcadas pela poligamia, estrutura familiar patriarcal e imposições coloniais portuguesas, que reforçavam a domesticidade e a subordinação como destino natural da mulher. Nesse cenário, a voz feminina era muitas vezes confinada ao espaço privado, ao silêncio, ou dissolvida no discurso masculino que falava por ela.

Historicamente, o ato de calar o feminino não se limita à ausência de fala, mas representa um mecanismo de poder e controle. Como observa Michel Foucault (1976), o poder não se exerce apenas por meio da força, mas através do controle dos discursos: quem define o que pode ser dito, controla também o que pode existir. Nesse sentido, a interdição da voz feminina foi ao longo dos séculos uma forma de disciplinar corpos e mentes, confiando a mulher a um espaço de obediência e invisibilidade.

Desde a colonização, as mulheres já viviam sob normas patriarcais, mas possuíam formas de poder comunitário espiritual que lhes garantiam certo prestígio. Com a chegada do colonizador europeu e a imposição do cristianismo, essas práticas foram deslegitimadas e substituídas por modelos de domesticidades e submissão feminina, baseados na moral Europeia. Assim, o colonialismo reforçou a dependência econômica, social e simbólica das mulheres africanas, alegando sua presença na esfera pública institucional.

Nesse cenário, a literatura moçambicana também refletia a ausência de vozes femininas, dominada por narrativas masculinas que perpetuavam estereótipos e invisibilizavam as experiências das mulheres. A obra de Paulina Chiziane surge, portanto, como marco histórico e político, pois inaugura a escrita de resistência que transforma o silêncio em palavras.

Assim, *Niketche: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, confronta essa herança de silenciamento por meio de uma narrativa que dá centralidade às

vozes femininas. As personagens não apenas existem no contexto, mas elas falam, narram suas dores, revoltas, e, ao fazerem isso, rompem com uma longa tradição de apagamento.

Ainda nessa perspectiva, Michelle Perrot (2005) soma para essa discussão ao defender que as mulheres foram marginalizadas ao longo da história por motivos do seu silenciamento. A autora discute que:

Evidentemente, a irrupção de uma presença e de uma fala femininas em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século XIX que muda o horizonte sonoro. Subsistem, no entanto, muitas zonas mudas e, no que se refere ao passado, um oceano de silêncio, ligado à partilha desigual dos traços, da memória e, ainda mais, da História, este relato que, por muito tempo, "esqueceu" as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, ou ao menos fora do acontecimento (Perrot, 2005, p. 9).

Dito isso, a obra de Paulina representa de forma fiel esse silenciamento e o confronto durante a narrativa. Esse fator se reconstrói através do papel da mulher africana, especialmente na protagonista Rami, personagem que ganha voz com destaque em um contexto poligâmico e patriarcal, rompendo esse padrão histórico e cultural, em que normalmente seria silenciada, mas se torna sujeito na sua própria narrativa, assumindo a palavra e indo contra os papéis que lhe foram impostos. Assim, Paulina rompe com esse oceano de silêncio.

Essa ausência de voz institucional é denunciada e investida na narrativa da autora. A protagonista, ao reunir as mulheres com quem seu marido mantém relações, dá início a um processo coletivo de escuta e elaboração da dor coletiva, assim, numa *dororidade*, nos termos da pesquisadora Vilma Piedade (2017):

O lugar de falar é um lugar de pertencimento. Falo desde lugar como Mulher Preta. Ativista. Feminista. Mas, também falo do lugar das minhas Ancestrais. Lugar marcado pela ausência histórica. Lugar-ausência designado pelo Racismo. É desse lugar que digo Não. Sonoridade une, irmana, mas Não basta para Nós - Mulheres Pretas, Jovens Pretas. Eu falo de um lugar marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela invisibilidade do Não Ser, sendo. Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravo nessa dor. A Pele Preta nos marca na escola inferior da sociedade. E a Carne Preta ainda continua sendo a mais barata do mercado. É só verificar os dados... (Piedade, 2017, p.17)

Ao reunir todas as esposas, Rami não apenas acolhe, mas dá voz, se compadece, sente o sofrimento de suas rivais e transforma essas histórias em

denúncia coletiva. A dor deixa de ser individual e silenciosa, e torna-se potência política. Essa ideia se conecta com a teoria pós colonial de Gayatri Spivak, que denuncia os mecanismos de silenciamento das mulheres em posição de subalternidade. Em seu ensaio mais célebre, ela pergunta: "*Pode o subalterno falar?*" [...] Mesmo quando a mulher subalterna tenta falar, em nome de si mesmo, ela é ou ignorada ou absorvida pelos discursos dominantes que falam por ela ou a silencia" (Spivak, 2010, p. 15)

Chiziane reverte esse silenciamento ao criar um espaço em que essas mulheres não apenas falam, mas constrói um saber sobre si mesmo. Isso é gerado a partir da experiência. As personagens, embora marginalizadas constroem um campo de solidariedade que se transforma em resistência.

Essa perspectiva é reforçada por Lúcia Osana Zolin (2009), que discute o papel da crítica feminista na literatura, escrevendo:

A crítica feminista procura revelar os modos como a literatura participa da construção, manutenção ou desconstrução dos papéis sociais de gênero. [...] O olhar da crítica está voltado não apenas para a representação das mulheres nas obras, mas também para os dispositivos ideológicos que sustentam tais representações e para as vozes que tentam subvertê-las." (Zolin, 2009, p. 45)

Niketche subverte esses dispositivos ao colocar em evidência não só a violência que afeta as mulheres, mas a capacidade de se reunir, refletir e propor novos caminhos. A reunião promovida por Rami rompe com o imaginário patriarcal de rivalidade feminina. Ao compartilhar suas histórias, as esposas deixam de ser rivais para tornarem-se aliadas. Assim, o romance dá forma ao "grito" coletivo dessas mulheres, que se recusam a permanecer licenciadas.

Assim, ao dar voz as mulheres historicamente silenciadas, o romance rompe com a lógica da submissão passiva e afirma a força coletiva do discurso feminino. As falas de Rami e das outras esposas tornam-se não apenas expressão de dor, mas ferramenta de conscientização e denúncia. Em uma sociedade onde a mulher era treinada para o silêncio, Paulina Chiziane entrega-lhe a palavra, e com ela o poder de transformar o mundo ao seu redor. Dessa forma, o romance atua como espaço simbólico onde a subalterna não apenas fala, mas grita e se transforma em resistência e reinvenção subjetiva no contexto pós-colonial africano.

2.3 Identidade híbrida e diáspora cultural em *Niketche*: entre o passado colonial e o presente patriarcal

A construção da identidade, especialmente a feminina, constitui uma das categorias centrais para a leitura de *Niketche, uma história de poligamia*, tendo em vista especialmente porque a narrativa se inscreve em um contexto pós-colonial moçambicano, no qual as marcas da colonização e os processos de descolonização impactaram profundamente a construção dos sujeitos e as relações de gênero.

Em Moçambique, o colonialismo português não apenas impôs um sistema político e econômico de exploração, mas também disseminou valores culturais e religiosos que redefiniram os papéis sociais, introduzindo um modelo patriarcal cristão que reforçou a subordinação feminina. Assim, o corpo e a voz das mulheres foram disciplinados tanto pela tradição local quanto pela ideologia colonial, resultando em uma dupla dominação.

Essa herança histórica é visível na identidade das personagens femininas, especialmente Rami, que emerge desse entrecruzamento: de um lado, a formação recebida no universo urbano, cristão e escolarizado, de inspiração ocidental; de outro, a realidade das tradições poligâmicas e dos rituais ancestrais que estruturam a vida social. Esse deslocamento constante revela um processo de negociação e de crise identitária que só pode ser compreendido a partir de uma perspectiva cultural e historicamente ampliada, pois em sociedades atravessadas pela imposição de modelos culturais europeus, como a moçambicana, as figuras femininas vivenciam deslocamento constante entre o que herdaram da tradição e o que foi imposto como norma pelo colonizador.

É nesse cenário que se inscreve a trajetória de Rami, ao descobrir a vida poligâmica do marido, ela é forçada a confrontar um universo cultural que lhe havia sido ocultado ou relegado ao campo da tradição. Esse confronto produz uma crise identitária, tendo em vista que, para Stuart Hall (2006), a identidade não é algo fixo ou essencial, um processo contínuo de transformação. Em sua concepção:

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma

multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente." (Hall, 2006, p.13).

Esse movimento de desconstrução da identidade é evidente na trajetória de Rami, pois, no início ela é a representação do modelo tradicional de esposa. Entretanto, ao se deparar com a realidade da poligamia praticada por seu marido Tony, ela inicia um processo de desestabilização interna, que a leva a descobrir as outras realidades femininas e a ressignificação de si mesma. Durante o romance todas as esposas de Tony habitam esse espaço de contradição, entre a tradição e a mudança, entre o passado colonial e o presente patriarcal, elaborando identidades que não cabem em moldes pré-estabelecidos.

Homi Bhabha, em *O local da cultura* (2013), também contribui a esse respeito com o conceito de entre-lugar da enunciação, conceituando-o como o espaço onde a cultura se performa na ambivalência e na negociação de sentidos. Segundo ele, é nesse espaço de articulação que a cultura encontra sua performatividade: o entre-lugar da enunciação (Bhabha, 2013, p. 55). Para ele, a cultura não se constrói em essências fixas, mas nos espaços de ambivalência, onde sentidos são negociados e reinventados. O hibridismo cultural surge desse encontro conflituoso entre diferentes matrizes simbólicas, e abre possibilidades de reinscrição da subjetividade.

Rami habita esse entre-lugar, pois é filha de uma educação colonial, mas enraizada em tradições moçambicanas: esposa que inicialmente tenta reconquistar o marido com “terapias de amor”, inspiradas em modelos urbanos, mas que acaba se aproximando das outras esposas e aprendendo com elas práticas ancestrais de cuidado, maternidade e sobrevivência. A protagonista vive, portanto, uma identidade híbrida, que não se define pela pureza, mas pela mistura. Essa hibridez revela a persistência do passado colonial no presente patriarcal. A colonização portuguesa não desapareceu com a independência, suas marcas permanecem nas hierarquias de gênero e na forma como o poder masculino se exerce dentro da família.

Rami se situa em um espaço de tensão, no qual ora ela afirma aspectos da tradição moçambicana, ora desafia a lógica patriarcal que sempre a envolveu. Essa crise de identidade, embora marcada pela incerteza, abre caminhos para a reinvenção do sujeito. Assim, a trajetória de Rami não se limita ao papel da esposa traída, mas se transforma em um processo ativo de reconstrução de sentidos, no qual ela passa a construir novas formas de afeto, pertencimento e organização familiar.

Manuel Castells (1999) reforça essa compreensão ao destacar que a construção da identidade se torna a fonte de significado mais poderosa nas sociedades contemporâneas (Castells, 1999, p.22). Sendo assim, a identidade não é apenas um espelho da cultura dominante, mas o mecanismo de resistência. Para reformular sua posição diante das outras esposas e frente ao próprio Tony, Rami exerce um poder simbólico que desloca o lugar da mulher na estrutura familiar e cultural. É a partir da crise, do conflito e da multiplicidade que ela se reescreve como sujeito político e cultural.

Em *Niketché*, a identidade das personagens femininas emerge como resultado de um jogo complexo entre rupturas e permanências. Elas oscilam entre o que herdaram e o que desejam reinventar, entre a sua eternidade imposta e autonomia construída. A literatura atua nesse sentido como espaço de visibilidade para essas subjetividades em movimento, reafirmando a força da palavra como a gente de transformação.

3. A MULHER NA SOCIEDADE POLIGÂMICA DE *NIKETCHE*: Submissão, resistência e reconexão

A poligamia, tal como representada em *Niketché: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, não é apenas um arranjo conjugal, mas um espaço privilegiado de observação das dinâmicas de poder que atravessam a sociedade moçambicana. Nesse contexto, a figura feminina ocupa um lugar ambíguo: por um lado é silenciada, invisibilizada e confinada ao espaço doméstico, por outro, emerge como sujeito ativo de resistência, solidariedade e transformação. Esse deslocamento entre submissão e insurgência revela como o feminino, mesmo imersa em estruturas patriarcais, cria brechas para sua própria reconfiguração.

Angela Davis (2016), ao discutir a condição das mulheres negras escravizadas, já ressaltava que a maternidade, quando submetida ao controle externo, deixa de ser um gesto de liberdade e se converte em instrumento de opressão. Embora trate de outro contexto histórico, a análise de Davis é pertinente para compreender o universo de Chiziane. No romance, a mulher não é valorizada por sua individualidade, mas por sua capacidade de gerar filhos, consolidando sua posição no seio da família. Dessa forma, a maternidade deixa de ser um espaço de escolha e torna-se uma imposição social que reafirma o poder masculino.

O silenciamento feminino também se mostra como herança de uma tradição que afastou as mulheres da esfera pública, como observa Perrot (2005, p.9) ao lembrar que um oceano de silêncio, ligado a partilha desigual da memória e da história, esqueceu as mulheres; como se, confinadas a obscuridade da reprodução, estivessem fora do tempo. Esse esquecimento ecoa no romance, onde as figuras femininas inicialmente aparecem fragmentadas e subjugadas, mas, ao se reunirem transformam-se em um poderoso grito coletivo que rompe o isolamento imposto pelo patriarcado.

Heleieth Saffioti (2004) amplia esse debate ao destacar que o patriarcado não se sustenta apenas pela violência direta, mas, sobretudo, pela naturalização de valores que tornam a obediência feminina um dado natural. Essa introjeção de submissão é dramatizada no romance pela protagonista Rami, que em um primeiro momento aceita sua condição de esposa traída e invisível, mas gradualmente ressignifica seu papel, questionando as regras que a aprisionavam. Assim, o texto

literário de Chiziane não apenas denuncia a opressão, mas também revela o processo de tomada de consciência que transforma a obediência em insurgência.

Nesse movimento, emerge também a solidariedade entre mulheres como estratégia de sobrevivência e resistência. A ideia de "dororidade", proposta por Vilma Piedade (2017), ajuda a compreender esse processo: as dores compartilhadas entre mulheres se transformam em elo coletivo, rompendo com a fragmentação que sustenta o patriarcado. Em *Niketche*, os encontros de Rami com as outras esposas exemplificam essa construção solidária, na qual a partilha de dores individuais se converte em consciência coletiva, instaurando a possibilidade de uma nova configuração do feminino no espaço poligâmico.

Dessa forma, esse capítulo propõe analisar a condição da mulher na sociedade poligâmica sobre três dimensões interligadas: primeiro, a submissão e a invisibilidade que marcam sua condição histórica: segundo a pluralidade de vozes femininas que emergem da dor e da solidariedade, e por fim, o processo de reconexão que leva da obediência à insurgência. A partir dessas perspectivas, a leitura de *Niketche* evidencia como a escrita de Chiziane tensiona as estruturas do patriarcado e escreve a mulher como sujeito de memória, resistência e transformação social.

3.1 A condição feminina no contexto poligâmico: maternidade, silenciamento e invisibilidade

A condição feminina nas sociedades africanas pós-coloniais, como a moçambicana, é marcada por uma sobreposição de opressões históricas e culturais. De um lado, persistem tradições locais estruturadas pelo patriarcado ancestral, que conferem ao homem o papel de chefe da família e detentor do poder, de outro, o legado do colonialismo português, que reforçou modelos de feminilidade inspirados na moral cristã e burguesa europeia, fundados principalmente nesses três aspectos. Sendo assim, a mulher africana, portanto, torna-se o ponto de convergência entre duas forças de dominação: a do homem e do colonizador.

Essa dupla subordinação foi amplamente discutida por Heleith Saffioti (2004), ao afirmar que o patriarcado, mesmo apresentando variações conforme o contexto histórico, mantém sua essência de hierarquia e dominação masculina (Saffioti, 2004, p.107).

E nesse cenário que se inscreve a poligamia em *Niketche: uma história de poligamia*, representada não apenas como forma de organização familiar, mas como uma estrutura social e cultural profundamente marcada pelo patriarcado e por legados coloniais. Nesse sistema, o homem ocupa a centralidade do poder e da honra, enquanto as mulheres orbitam em torno dele, definidas pela sua função biológica e afetiva. Assim, a mulher é simultaneamente indispensável, como mãe e mantenedora do lar, e invisível, pois sua existência só tem valor enquanto serve ao homem.

Nesse contexto, a mulher ocupa um espaço ambíguo: é central para a reprodução biológica e para a manutenção do lar, mas marginalizada no acesso ao poder e à visibilidade social. A narrativa de Chiziane evidencia que a condição feminina na sociedade poligamia que é atravessada por três dimensões principais: a maternidade compulsória, o silenciamento e a invisibilidade.

Ao se tratar da maternidade em *Niketche*, ela aparece como um destino inevitável e uma exigência social para as mulheres, construído como prova de valor e legitimidade dentro da relação conjugal, e o número de filhos se converte em símbolo de prestígio e poder entre as esposas. No entanto, essa valorização é ambígua: exalta o papel materno enquanto aprisiona as mulheres a uma função que lhes retira autonomia.

Como observa Angela Davis (2016), em *Mulheres, raça e classe*, a maternidade, quando imposta, deixa de ser uma escolha e se converte em um instrumento de controle, uma forma de perpetuar subordinação feminina. No romance, ter filhos não é apenas uma realização pessoal, mas uma exigência social que garante a posição da mulher no seio da família poligâmica. Portanto, Rami e as demais esposas de Tony não são reconhecidas pela sua individualidade, mas pelo número de filhos que geram.

Em um dos trechos poéticos e ao mesmo tempo crítico da obra, a narradora Rami expressa o peso dessa função, refletindo que às mulheres é atribuída a responsabilidade simbólica pela criação e a continuidade da vida, embora sejam elas também quem mais sofre com as violências e opressões impostas pela sociedade. A autora desfaça que, em muitas aldeias, meninas muito jovens são submetidas a práticas tradicionais que envolvem o alongamento genital, como parte de sua preparação para a vida adulta, enquanto os meninos recebem uma formação voltada para o trabalho e a subsistência. (Chiziane, 2004, p 290).

Esse fragmento revela o paradoxo vivido pelas mulheres, enquanto são exaltadas como “sementes da eternidade”. Por outro, são condenadas a carregar o fardo que lhes retira autonomia e restringe suas possibilidades de escolha. Enquanto os homens têm acesso ao saber que é “a escola do pão”, as mulheres são educadas para o prazer e a obediência. A maternidade, assim, que poderia simbolizar criação e continuidade, transforma-se em instrumento de controle. No universo de *Niketché*, ser mãe não é sinônimo de afeto nem de reconhecimento. O marido Tony, patriarca e polígamo, multiplica filhos, mas não vínculos. A fertilidade feminina torna-se, portanto, uma prova de virilidade masculina e não de emancipação.

Essa lógica também se evidencia no desabafo da própria Rami, que representa a mulher moldada para a obediência e o sacrifício, mas que, mesmo cumprindo todos os papéis esperados, continua sendo alvo de desprezo:

Como é que o Tony me despreza assim, se não tenho nada de errado em mim? Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até as suas loucuras suportei. Vinte anos de casamento é um recorde nos tempos que correm. Modéstia à parte, sou a mulher mais perfeita do mundo. Fiz dele o homem que é. Dei-lhe amor, dei-lhe filhos com que ele se afirmou nesta vida. Sacrifiquei os meus sonhos pelos sonhos dele. Dei-lhe a minha juventude, a minha vida. Por isso afirmo e reafirmo, mulher como eu, na sua vida, não há nenhuma! Mesmo assim, sou a mulher mais infeliz do mundo. (Chiziane, 2004, p.13)

Nesse fragmento, a narradora traduz a contradição central do patriarcado: a mulher é exaltada por sua obediência e devoção, mas condenada à infelicidade. O amor e o cuidado tornam-se instrumentos de subjugação, pois o valor da mulher é medido apenas pela sua utilidade para o homem. Essa justaposição expõe o fracasso do modelo de esposa idealizado, baseado em submissão e sacrifício na garantia da felicidade e do reconhecimento masculino.

Além da maternidade compulsória, a segunda dimensão da condição feminina é o silenciamento, que é uma marca persistente da condição feminina na poligamia. Michelle Perrot (2005, p. 9) destaca que as mulheres foram mantidas afastadas da palavra pública durante séculos; quando falavam, era em espaços íntimos, e sua fala raramente era registrada. Essa exclusão se manifesta com força em *Niketché*, em que as mulheres embora conversassem entre si, raramente possuíam a oportunidade de expressar suas opiniões ou reivindicações nos espaços onde as decisões são tomadas.

Entretanto, o romance subverte essa lógica ao mostrar que, quando as mulheres se encontram e compartilham suas dores, o silêncio se converte em denúncia coletiva. Em um trecho emblemático Rami relata um encontro com as outras esposas, em que as dores compartilhadas se tornam quase um ato político, e chega a questionar-se como faria para reverter a ordem das coisas (Chiziane, 2004, p.104).

Essa pastilha de experiências confirma a análise de Grada Kilomba (2019), segundo a qual o ato de falar é um ato político; quando o sujeito subalterno toma a palavra, ele rompe o pacto do silêncio imposto pela violência colonial e patriarcal. Em *Niketche*, o diálogo entre as esposas se converte em espaço de elaboração coletiva. Embora seja clandestino, é potente, no qual o silêncio público é quebrado pela solidariedade íntima.

Por outro lado, a invisibilidade é talvez a forma mais sutil e devastadora de opressão descrita na obra. Se a maternidade define o valor da mulher e o silêncio limita sua ação, a invisibilidade apaga sua própria existência social. A própria protagonista reconhece o lugar invisível e desvalorizado da mulher, inclusive nos discursos religiosos e culturais, refletindo sobre a marginalização histórica que sustenta o patriarcado:

Até na bíblia a mulher não presta. Os santos, nas suas pregações antigas, dizem que a mulher nada vale, a mulher é um animal nutridor de maldade, fonte de todas as discussões, querelas e injustiças. É verdade. Se podemos ser trocadas, vendidas, torturadas, mortas, escravizadas, encurraladas em haréns como gado, é porque não fazemos falta nenhuma. Mas se não fazemos falta nenhuma, por que é que Deus nos colocou no mundo? E esse Deus, se existe, por que nos deixa sofrer assim? O pior de tudo é que Deus parece não ter mulher nenhuma. Se ele fosse casado, a deusa — sua esposa — intercederia por nós. Através dela pediríamos a bênção de uma vida de harmonia. Mas a deusa deve existir, penso. Deve ser tão invisível como todas nós. O seu espaço é, de certeza, a cozinha celestial. Se ela existisse teríamos a quem dirigir as nossas preces e diríamos: Madre nossa que estais no céu, santificado seja o vosso nome. Venha a nós o vosso reino — das mulheres, claro —, venha a nós a tua benevolência, não queremos mais a violência. Sejam ouvidos os nossos apelos, assim na terra como no céu. A paz nossa de cada dia nos dai hoje e perdoai as nossas ofensas — fofocas, má-língua, bisbilhotices, vaidade, inveja — assim como nós perdoamos a tirania, traição, imoralidades, bebedeiras, insultos, dos nossos maridos, amantes, namorados, companheiros e outras relações que nem sei nomear. Não nos deixeis cair na tentação de imitar as loucuras deles — beber, maltratar, roubar, expulsar, casar e divorciar, violar, escravizar, comprar, usar, abusar e nem nos deixes morrer nas mãos desses tiranos—mas livrai-nos do mal, Amem (Chiziane, 2004, p. 61, 62).

Esse depoimento dramatiza a naturalização da inferioridade feminina e reforça a análise de Heleieth Saffioti (2015, p. 58) afirmando que o patriarcado não apenas

controla a mulher, mas define a sua visibilidade social e que a figura feminina só existe enquanto cumpre papéis legitimados por ele, fora deles, ela é invisível.

Nessa mesma linha de raciocínio, Carole Pateman, em *O Contrato Sexual* (1993), afirma que:

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. Os filhos subvertem o regime paterno não apenas para conquistar sua liberdade, mas também para assegurar as mulheres para si próprios. Seu sucesso nesse empreendimento é narrado na história do contrato sexual. O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido de patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres –, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adrienne Rich, de 'lei do direito sexual masculino'. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno. (Pateman, 1993. p. 16-17)

É importante destacar a reflexão de Carole Pateman (1993) sobre a diferença entre o contrato social e o contrato sexual. Enquanto o primeiro é narrado historicamente como a base da liberdade civil e política dos homens, o segundo revela o lado oculto desse processo: a sujeição sistemática das mulheres. Para a autora, a modernidade não rompeu com o patriarcado, mas o reorganizou juridicamente, garantindo aos homens direitos de acesso ao corpo feminino e ao controle sobre a vida das mulheres. Dessa forma, o que se apresenta como liberdade universal é, na verdade, liberdade masculina sustentada pela submissão feminina.

Esse raciocínio ajuda a compreender como o apagamento feminino é intensificado na poligamia, em que as esposas secundárias vivem à margem, privadas de legitimidade e sem direito à herança. Inicialmente, Rami vai a procura das concubinas do seu esposo para brigar:

Primeiro round. Explosões de raiva correm como tempestades. Lanço sobre ela todas as palavras injuriosas deste mundo. Com a minha língua de sabre ninguém aguenta. Surpreendo-me a gritar palavrões que nunca antes gritei. Da minha boca correm obscenidades que nunca julguei saber. Ela responde e o jogo aquece. Segundo round: Lanço uma bofetada à minha rival. Salto para cima dela, puxo-lhe o nariz e ela fica transtornada pela surpresa. Ela reage e defende-se com uma força mágica vinda não se sabe de onde. Esmero-me na luta e dou golpes tão valentes como os dos filmes de kung-fu. O meu corpo é pesado e os gestos lentos. A minha rival é mais leve e mais ágil. Arranha-me, despe-me, rasga-me, morde-me, esmurra-me. Terceiro round: Defendo-me bem, tiro-lhe a peruca e arranho-lhe a cara. Quarto round:

Sinto que estou a perder o combate. Dou passos em retaguarda e alcanço a rua. A minha adversária persegue-me, derruba-me, e rebolamos nas poças de água no meio da chuva. Ela crava as unhas no meu pescoço, quase que me estrangula. Os filhos dela, assustados, soltam gritos ensurdecedores. Entro em pânico, sinto que vou morrer, começo também a gritar, a rogar que ela me solte. Liberto-me. Quinto round: Socorro, esta mulher me mata! Na altura em que tento fugir, levo uma garrafada na nuca. Vejo estrelas no céu nublado. Sexto round: Fui à guerra e perdi o combate. Desmaio (Chiziane, 2004, p. 20).

Após isso, Rami é socorrida, e Julieta à leva para dentro de sua casa, para cuidar dos ferimentos. Dado o acontecido, a narradora percebe que sua rival tem um coração bom, tem cinco filhos, e está aguardando o sexto nascer e que ela também vive sem o Tony há sete meses. Rami se compadece da situação de Julieta, considerando a vida dela muito pior que a sua, e lhe pede desculpas pela confusão. Paulina Chiziane descreve essa realidade ao relatar a condição das concubinas:

Esta mulher tem uma angústia bem pior que a minha. Eu, pelo menos, conheci o sonho e o altar. Tive um marido sempre ao lado em cada um dos cinco filhos que pari. Ainda tive o prazer de insultá-lo e culpá-lo de todas as minhas dores na hora do parto. A Julieta foi enganada desde a primeira hora. Nada pior que uma eterna frustração. —Aí é que te enganas. As mulheres são diferentes no nome e na cara. No resto, somos iguais. Vejamos. Ele enganou-te e enganou-me. Quando não está aqui, penso que está contigo e vice-versa. Disse-te que te amava. Disse-me que me amava. Estamos aqui como duas prisioneiras lutando pelo mesmo homem. Oh, meu Deus, como eram maravilhosas as coisas que ele me dizia. E qual foi o resultado? Encher-me de filhos e partir. A minha consciência ganha peso de chumbo. Sinto um sentimento doce a brotar do meu silêncio. (Chiziane, 2004, p. 25)

Essa forma de apagamento é discutida por Angela Davis como apagamento social (2016, p. 227), em que a exclusão não é apenas jurídica ou econômica, mas simbólica, pois retira dessas mulheres o direito de serem reconhecidas como sujeitos autônomos. Elas deixam de existir no imaginário social, reduzidas à função de servir ao homem e à família central.

Esse testemunho expõe como a mulher, reduzida à função de servir, perde direito de existir como sujeito autônomo. Carole Pateman (1993) ajuda a compreender essa lógica ao afirmar que o contrato social moderno, proclamado como pacto de liberdade, é também um contrato sexual, que garante o acesso sistemático dos homens ao corpo feminino. Ou seja, a cidadania masculina depende da sujeição feminina, e a invisibilidade das mulheres é estrutural ao funcionamento do patriarcado.

Dessa forma, a condição feminina no contexto poligâmico descrito por Paulina Chiziane é atravessada por uma tríade de opressões: maternidade compulsória, silenciamento e invisibilidade. Esses três elementos não atuam isoladamente, mas se

articulam como engrenagens de um sistema que assegura a continuidade do poder masculino. Ao mesmo tempo que quando as mulheres falam, compartilham suas dores e reconhecem-se mutualmente, produzem fissuras nesse sistema, revelando que, mesmo em meio ao apagamento, germina possibilidade da resistência e da reinvenção do feminino.

3.2 A pluralidade de vozes femininas em *Niketche*: entre a dor e a solidariedade

A narrativa de *Niketche* não se constrói a partir de uma única voz, mas de um coral de mulheres que compartilham e disputam sentidos. Paulina Chiziane estrutura sua obra de modo que a fala feminina, antes fragmentado e dispersa, ganhe corpo coletivo. Cada esposa de Tony traz consigo uma história marcada por dor, abandono e resistência, compondo uma polifonia que, ao entrelaçar vozes distintas, transforma o romance num espaço de memória de denúncia.

Essa multiplicidade pode ser compreendida à luz de Bakhtin (1981), como um processo de polifonia literária, para ele, a polifonia é um conceito literário que se refere a coexistência de múltiplas vozes e perspectivas independentes em um texto, sem que uma voz dominante se imponha sobre as outras. No romance, a partir do momento que as mulheres tomam consciência da opressão que vivem, elas têm direito de fala, e cada voz reflete uma forma singular de lidar com o patriarcado.

Inicialmente Rami representa a mulher urbana, cristianizada e alfabetizada, e que internalizou os valores coloniais e patriarcais da fidelidade do matrimônio monogâmico. Julieta, por sua vez, é a mulher do campo de origem rural, que vive a poligamia como herança ancestral e naturalizada. Saly e Luísa trazem experiências atravessadas pela pobreza e pela maternidade solitária, enquanto Mauá simboliza o retorno às tradições é o poder feminino ancestral. Assim, as esposas de Tony são espelhos quebrados de uma mesma estrutura, o patriarcado, mas também expressões plurais de resistência e reinvenção.

Ao apresentar essas múltiplas perspectivas, Chiziane questiona o próprio modelo narrativo tradicional, em que apenas uma voz, geralmente a masculina, tinha autoridade para contar a história. A autora descentraliza o discurso e cria a narrativa em que as mulheres falam entre si e por si mesmas, sem o filtro do olhar masculino. Essa opção estética é também política, pois revela, como observa Lúcia Osana Zolin

(2009) a crítica feminista procura revelar os modos como a literatura participa da construção, manutenção ou desconstrução dos papéis sociais de gênero.

No início da narrativa, Rami encara sua dor como algo individual: a traição do marido, a sensação de abandono e a perda de prestígio social. Contudo, ao conhecer as outras esposas de Tony, ela percebe que sua história não é uma exceção, mas parte de uma rede de sofrimentos.

Esse movimento é fundamental porque desloca a experiência da protagonista de um plano pessoal para um coletivo. Vilma Piedade (2017), em *Dororidade*, conceitua essa partilha de dores como um relacionamento mútuo entre mulheres, especialmente negras, que identificam no corpo da outra mulher as marcas de uma violência que também carregam. De acordo com a autora, a sororidade não era suficiente para expressar as dores da mulher negra, era preciso mais:

A sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor - mas, neste caso, especificamente, a dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor (Piedade, 2017. p.16)

Assim, o conceito de dororidade é a irmandade que nasce da dor comum, do sofrimento partilhado e da consciência coletiva de que a opressão tem cor, gênero e classe. Essa formulação de Piedade se torna um operador crítico para pensar as relações em *Niketché*. Na obra, essa dororidade se manifesta quando Rami, ao ouvir as histórias das outras esposas, percebe que todas, apesar de suas diferenças, foram moldadas por um sistema patriarcal que normaliza a submissão feminina. Então, a dor, longe de ser apenas um sofrimento individual, é elaborada como experiência coletiva que une mulheres submetidas a diferentes formas de violência, mas que encontram forças uma na outra.

Um momento emblemático dessa construção coletiva da solidariedade ocorre quando as esposas partilham seus sofrimentos. Chiziane descreve:

Fico silenciosa e deixo que o choro furioso exerça o seu efeito milagroso. Depois embalo-a. Sofro com ela. Coitada, ela é mais uma vítima do que uma rival. Foi caçada e traída como eu. — Estamos juntas nesta tragédia. Eu, tu, todas as mulheres. Só quero que compreendas a minha raiva. Sei que te agredi sem razão. Transferi sobre ti as minhas dores e mágoas, mesmo sabendo que a culpada não eras tu. — Eu entendo — diz-me ela de cabeça baixa (Chiziane, 2004, p.28)

Esse trecho marca um momento de inflexão nas relações entre as esposas. Ao reconhecer que a outra mulher não é inimiga, mas vítima das mesmas forças opressoras, a protagonista rompe com a narrativa patriarcal que naturaliza a rivalidade feminina. A outra esposa deixa de ser vista como “inimiga” e passa a ser reconhecida como companheira de dor. A escuta silenciosa e o ato de ouvir a outra funcionam como gestos políticos, pois cria um espaço de reconhecimento mútuo que desafia o isolamento e a fragmentação impostas pelo patriarcado.

Essa reconciliação feminina pode ser lida à luz da análise de Angela Davis (2016), ao discutir a opressão interseccional, observa que as divisões impostas entre as mulheres servem para manter intacta a estrutura de dominação masculina. Ao transformar mágoas individuais em compreensão coletiva, as esposas de Tony constroem uma resistência interna ao próprio sistema poligâmico. O gesto de escuta e de falar ainda que em espaços privados, revela-se como prática política, pois desafia a invisibilidade a que foram historicamente relegadas

Grada Kilomba (2019) também discute que a fala é um ato de reapropriação do próprio lugar no mundo: quando as mulheres se escutam, estão subvertendo séculos de silenciamento e reescrevendo-se na história. Em *Niketche*, essa reconstrução do diálogo desfaz a imagem da esposa isolada e subordinada, substituindo-a pela figura de um coletivo feminino capaz de produzir sentido e afeto, mesmo dentro de uma estrutura opressiva. Essa tomada da palavra não se limita a Rami, mas se distribui entre Julieta, Luísa, Saly e Mauá. Cada uma narra suas frustrações, suas perdas, seus desejos não realizados, compondo um mosaico de vozes que, quando articuladas, deixam de ser apenas relatos individuais e de transformam em denúncia coletiva.

Assim, o encontro descrito por Chiziane não é apenas um momento de reconciliação pessoal, mas uma possibilidade de reorganizar as relações femininas em base solidárias, contestando as hierarquias e reconstruindo a subjetividade. A pluralidade de voz em *Niketche* nasce, portanto, da escuta mútua e do reconhecimento de que, embora cada mulher traga a sua própria história, todas compartilham o peso da mesma opressão.

Portanto, a pluralidade de vozes femininas em *Niketche* não é apenas um recurso narrativo, mas uma estratégia política de visibilização das experiências das mulheres historicamente silenciadas. Ao narrar as histórias de Rami, Julieta, Luísa, Saly e Mauá, Paulina Chiziane constrói um retrato coletivo no qual dor e solidariedade

se entrelaçam, revelando que, mesmo em um contexto marcado pela opressão, existe potencial transformador na união entre mulheres.

3.3 Da obediência a insurgência: a reconfiguração do papel da mulher em *Niketché*

A trajetória de Rami em *Niketché: uma história de poligamia* representa um processo de deslocamento identitário que parte da obediência cega a lógica patriarcal para insurgência contra essa mesma ordem. No início do romance, sua identidade é construída sobre os pilares tradicionais da esposa submissa, fiel e devotada, moldada para cumprir funções sociais pré-determinadas: ser uma boa esposa, boa mãe e honrar a família. A protagonista chega a se matricular em um curso amoroso para entender o que tinha de errado com ela que fazia o marido ter outras esposas. Quando estava se preparando para a aula, ela questiona ao seu espelho:

— Diz-me, espelho meu: serei eu feia? Serei eu mais azeda que a laranja-lima? Por que é que o meu marido procura outras e me deixa aqui? O que é que as outras têm que eu não tenho? O espelho dá uma resposta muda e sorri. — Vamos, responde-me, espelho meu. O meu espelho responde com malícia: — Ah, sua gorda! — Não! Não achas que emagreci um pouco? — Emagreceste, sim. — Graças a Deus não precisei de chás nem dietas. — Vês como o teu marido é bom? Deu-te um desgosto benéfico, que emagrece. Tomara que esse desgosto te consuma mais um mês. Ficarás mais elegante que as estrelas de cinema. Tomara que todas as mulheres gordas tivessem maridos que lhes dessem desgostos. Quem se ri agora sou eu. Espelho louco. Eu já ando louca da minha vida e aparece agora este espelho a enlouquecer-me mais ainda. — Oh, espelho meu, o que achas de mim? Devo renovar-me? — Renova-te, sim. Mas antes, procura uma vassoura e varre o lixo que tens dentro do peito. Varre as loucuras que tens dentro da mente, varre, varre tudo. Liberta-te. Só assim viverás a felicidade que mereces. — Diz-me, espelho meu: onde foi que eu errei? Serei feliz algum dia, com essas mulheres à volta do meu marido? — Pensa bem, amiga minha: serão as outras mulheres as culpadas desta situação? Serão os homens inocentes? Abandono o espelho que distrai a minha atenção com reflexões inúteis. — Hoje vou à primeira aula de amor de toda a minha vida (Chiziane, 2004

, p. 30).

A passagem selecionada evidencia o momento de crise identitária de Rami, marcada pela percepção da própria subordinação no contexto patriarcal da poligamia. A cena diante do espelho revela não apenas a preocupação com a sua aparência física, mas, sobretudo, o questionamento sobre seu valor e seu lugar no mundo definido pelo homem. O diálogo interno com espelho funciona como um dispositivo de autocrítica e de reflexões sobre os papéis impostos, indicando que a culpa e a responsabilidade por conflitos conjugais não devem recair exclusivamente sobre a mulher.

O espelho com suas respostas simultaneamente irônicas e provocativas, instiga Rami a um processo de introspecção que vai além da mera adaptação as regras patriarcais: sugere a necessidade de varrer "o lixo que tens dentro do peito", libertando-se de pensamentos e emoções internalizados que reforçam sua submissão. A decisão de Rami de iniciar a "primeira aula de amor de toda sua vida" simboliza a emergência de uma consciência própria e da busca por autonomia afetiva e emocional, constituindo o ponto de partida para sua insurgência contra a ordem social que a oprime.

Inicialmente, esse modelo de "mulher ideal" traduz o que Teresa de Lauretis (1994) conceitua como tecnologia de gênero, ou seja, um conjunto de práticas sociais e discursivas que naturalizam a submissão feminina e apresentam como destino biológico.

No contexto de *Niketche*, a opressão feminina não se restringe ao espaço privado, mas é legitimada por um sistema profundamente enraizado nas estruturas culturais e sociais do patriarcalismo. Heleieth Saffioti (2004) enfatiza que:

Mesmo tomando só o momento atual, o poder de fogo do patriarcado vigente entre os povos africanos e/ou muçulmanos é extremamente grande no que tange à subordinação das mulheres aos homens. Observam-se, por conseguinte, diferenças de grau no domínio exercido por homens sobre mulheres. A natureza do fenômeno, entretanto, é a mesma. Apresenta a legitimidade que lhe atribui sua naturalização. (Saffioti 2004, p.107)

Essa reflexão ajuda a compreender como em *Niketche*, a submissão das mulheres não se mantém apenas pela força ou pela coerção explícita, mas também por um processo de legitimação simbólica e cultural que naturaliza a hierarquia de gênero, fazendo com o que o lugar da inferioridade feminina seja visto como inevitável e até desejável.

No entanto, a convivência com as outras esposas e a partilha de experiências de opressão transformam essa postura. A protagonista passa a perceber que a submissão feminina não é um destino inevitável, mas uma construção social que pode e deve ser desconstruída.

Nesse sentido, Grada Kilomba (2019) observa que a insurgência começa no momento em que o sujeito oprimido nomeia violência sofrida e recusa-se a produzi-la. Na obra, esse processo de nomeação é fundamental: Rami começa a identificar a violência simbólica e material que estrutura a poligamia e a questionar os privilégios

masculinos que sustentam essa prática. Essa transformação das relações entre as esposas de rivais a aliadas, constroem um núcleo de solidariedade que ameaça o poder masculino, uma vez que a fragmentação feminina é um dos pilares da sustentação do patriarcado.

Um dos trechos mais significativos dessa viragem ocorre quando o Rami declara:

A dança liberta a mente das preocupações do momento. A dança é uma prece. Na dança celebro a vida enquanto aguardo a morte. Por que é que não danças? Dançar. Dançar a derrota do meu adversário. Dançar na festa do meu aniversário. Dançar sobre a coragem do inimigo. Dançar no funeral do ente querido. Dançar à volta da fogueira na véspera do grande combate. Dançar é orar. Eu também quero dançar. A vida é uma grande dança. (Chiziane, 2004, p. 16)

A metáfora da dança, recorrente no romance, ganha um sentido emancipatório. Se no início a dança era para o marido, como forma de sedução e obediência, neste momento ela se transforma em expressão de liberdade e autonomia, indicando uma ruptura simbólica e prática com a obediência passiva.

Castell (1999), em *O poder da identidade*, discute sobre a identidade de projeto, que se trata do processo em que o indivíduo compreende o seu papel de sujeito histórico e o redefine como sujeito coletivo e seu posicionamento diante da sociedade. Assim, ele não apenas resiste as formas de dominação, mas reconfigura ativamente o sentido de suas vidas, propondo alternativas concretas a ordens vigentes. Rami, ao influenciar as outras esposas e ao transmitir as filhas um novo modelo de feminilidade, torna-se articuladora dessa identidade de projeto.

O processo de insurgência, no entanto, não significa abandono completo da tradição, mas uma reinterpretação crítica. Lauretis (1994) já alertava que o gênero é uma construção social que pode ser reescrita de modo a subverter as funções que antes serviam. Em *Niketche*, essa reinscrição passa pelo resgate de práticas culturais moçambicanas, como as reuniões entre mulheres, mas agora ressignificadas como espaços de debate e planejamento de estratégias coletivas.

A insurgência de Rami não se dá de forma isolada, mas em diálogo com as demais esposas, construindo uma rede de solidariedade que, como aponta Vilma Piedade (2017), transforma a dororidade em força política. Nesse sentido, a insurgência feminina em *Niketche* é coletiva: não se trata apenas de libertar-se individualmente, mas de criar condições para que todas as mulheres do grupo possam enfrentar a opressão.

Outro exemplo, é a manifestação em práticas concretas, como a organização coletiva para proteger as esposas vulneráveis, e a luta por garantir moradia e criar alternativas econômicas fora da dependência do marido:

A Saly diz que já teve negócios que faliram, porque usou todo o dinheiro que tinha na cura do filho que andou doente. A Lu diz que gostaria de ter uma loja de modas, que fora sempre esse o seu sonho. A Ju diz que gosta de crianças. Diz que, no dia que procurar um emprego, vai ser para lidar com crianças. (Chiziane, 2004, p. 102).

A partir de então Rami diz para as mulheres que elas precisam trabalhar e começa a ajudá-las em seus serviços. Para Saly, ela empresta dinheiro para que compre cereais e venda. Para Lu, dá dinheiro para que ela compre roupas de segunda mão para vender. Monta um salão de cabelos para Mauá, e para Ju ajuda nos negócios com bebidas. Assim elas começaram a trabalhar e bancar suas despesas. Esse movimento dialoga com análise de Angela Davis (2016) para quem a emancipação feminina não exige apenas a recusa a opressão, mas a criação de condições materiais que sustentem a liberdade. Em *Niketche*, isso aparece quando as esposas começam a pensar em estratégias coletivas de sobrevivência e proteção, rompendo com a dependência absoluta de Tony.

Com o passar do tempo, os trabalhos de cada esposa começam a crescer, Lu junta dinheiro com a venda de roupas usadas e monta uma loja com roupas novas, Saly constrói uma loja e passa a vender roupas em atacado, tendo também uma cafeteria e salão de chá, Julieta passa a vender bebidas também em atacado e Mauá abre um salão no centro da cidade. Dessa forma, a vida econômica das mulheres passa a crescer fora da dependência de Tony.

Além disso, é possível identificar em Rami o que Homi Bhabha (2013) denomina entre-lugar: um espaço híbrido em que tradições são simultaneamente reafirmadas e subvertidas. Rami continua a valorizar aspectos culturais moçambicanos, mas ressignifica-os para incluir a autonomia feminina e a horizontalidade nas relações. Essa ambivalência não é uma fraqueza, mas a estratégia pela qual ela introduz fissuras no sistema patriarcal sem romper abruptamente com as referências comunitárias.

Em suma, a passagem da obediência à insurgência em *Niketche* não se dá de formar abrupta, mas como resultado de um processo complexo, em que a experiência pessoal se entrelaça à consciência coletiva, e a tradição se cruza com a possibilidade

de mudança. Ao narrar essa transição, Chiziane escreve na literatura moçambicana um poderoso exemplo de resistência feminina, que desestabiliza os alicerces da poligamia patriarcal e propõe novas formas de relação baseadas na dignidade, na autonomia e na solidariedade.

O próximo capítulo deste TCC se estrutura em três dimensões principais: primeiro discute o modelo da masculinidade na sociedade poligâmica, marcado por virilidade, posse autoridade, com base nos dispositivos culturais e simbólicos que legitimam o poder masculino. Em seguida, aborda-se a crise da autoridade masculina, evidenciada quando Tony se confronta com a resistência coletiva das mulheres, que subvertem a ordem estabelecida e desestabilizam no seu domínio. Por fim, analisa-se as relações hierárquicas e o desequilíbrio de poder, mostrando como patriarcado sustentado pela obediência e pelo silêncio das mulheres, entra em colapso diante da afirmação da autonomia feminina.

4. MASCULINIDADE E PODER: O HOMEM NA CULTURA PATRIARCAL MOÇAMBICANA

O romance *Niketché: uma história de poligamia*, de Paulina Chiziane, não se limita a retratar a condição feminina; também revelar as complexas dinâmicas de masculinidade em uma sociedade patriarcal moçambicana. A obra é evidência como homem é socialmente moldado para ocupar posições de autoridade, centralidade e controle sobre a vida das mulheres, sendo sua virilidade medida pela capacidade de nominar, possuir esposas e garantir descendências numerosas.

A masculinidade apresentada no romance é sustentada por um modelo hegemônico, que combina tradição cultural, dominação simbólica e naturalização do poder masculino. Tony, marido de Rami, encarna essa masculinidade construída sobre a posse, o controle e a objetificação das mulheres, conforme demonstram os episódios em que categoriza, subordina e reduz suas esposas a atributos funcionais. A obra mostra, porém, que essa centralidade masculina não é absoluta nem questionável: a resistência feminina evidencia as fragilidades e contradições do patriarcado.

Ao dialogar com teorias de Pierre Bourdieu (1998), Raewyn Connell (1995), Michel Foucault (1988), Angela Davis (2016) e Grada Quilombola (2019), este capítulo busca compreender a masculinidade não apenas como conjunto de atributos individuais, mas como uma construção social e relacional, cuja legitimidade depende da submissão feminina e do reconhecimento comunitário. A análise revela que, assim como as mulheres são oprimidas por esse sistema, os homens também são reféns de expectativas de virilidade e autoridade que, quando desafiados, expõe as fragilidades de um poder patriarcal em ruína.

4.1 O modelo de masculinidade na sociedade poligâmica: virilidade, posse e controle

A masculinidade construída no interior da sociedade poligâmica, tal como apresentada por Paulina Chiziane em *Niketché: uma história de poligamia*, revela um modelo marcado pela virilidade, pela posse do corpo feminino e pelo controle como sustentação do poder patriarcal. Esse modelo de masculinidade se articula tanto a heranças culturais locais quanto a marcas históricas do colonialismo, estruturando-se

como um dispositivo de dominação que aprisiona as mulheres a lógica da subserviência, mas que também impõe aos homens o dever de corresponder a um ideal rígido e excludente.

Historicamente nas sociedades africanas, a masculinidade foi associada à força, à fertilidade e à liderança familiar. Essa concepção, reforçada pela moral cristã e pela hierarquia colonial consolidou o homem como “chefe” e provedor, definindo seu valor pela capacidade de dominar, sustentar e gerar descendência. Essa fusão entre tradição patriarcal e dominação colonial constrói um modelo de homem viril, polígamo e emocionalmente distante, um arquétipo que em *Niketché* é encarnado por Tony. Em um determinado questionamento das esposas ao Tony sobre a forma como elas a ver, ele diz:

— A Mauá é o meu franguinho — diz —, passou por uma escola de amor, ela é uma doçura. A Saly é boa de cozinha. Por vezes acordo de madrugada com saudades dos petiscos dela. Mas também é boa de briga, o que é bom para relaxar os meus nervos. Nos dias em que o trabalho corre mal e tenho vontade de gritar, procuro-a só para discutir. Discutimos. E dou gritos bons para oxigenar os pulmões e libertar a tensão. A Lu é boa de corpo e enfeita-se com arte. Irradia um magnetismo tal que dá gosto andar com ela pela estrada fora. Faz-me bem a sua companhia. A Ju é o meu monumento de erro e perdão. É a mulher a quem mais enganei. Prometi casamento, desviei-lhe o curso da sua vida, enchi-a de filhos. Era boa estudante e tinha grandes horizontes. É a mais bonita de todas vocês, podia ter feito um grande casamento. Da Rami? Nem vou comentar. É a minha primeira-dama. Nela me afirmei como homem perante o mundo. Ela é minha mãe, minha rainha, meu âmagô, meu alicerce (Chiziane, 2004, p. 121).

Esse discurso evidencia como a masculinidade é construída sobre o domínio e a categorização das esposas, transformando mulheres em funções e atributos ao serviço do ego masculino. Mostrando que a virilidade e a autoridade masculina na sociedade poligâmica são reforçadas pelo controle e posse das mulheres, estabelecendo hierarquias e consolidando relações de poder centradas no homem.

Heleieth Saffioti (2004, p.41), ao refletir sobre as formas de organização patriarcal, afirma que o patriarcado se expressa como um sistema de poder que não se mantém apenas pela coerção física, mas pela naturalização de valores que atribuem ao homem a centralidade do mando e a mulher o espaço da obediência. Esse processo de naturalização fica evidente na cena de *Niketché*, em que o marido interrompe e humilha a esposa diante de um médico, gesto que expõe a norma social segundo a qual a fala feminina é desautorizada:

— Cala-te, mulher. Desde quando tens categoria para falar com um doutor? Nunca te autorizei a falar com homem nenhum. Estás a comportar-te como uma prostituta. As palavras do velho despertam na mulher raivas sepultadas. Todas as mágoas afloram como um furacão, o sofrimento desta mulher foi uma constante, nas linhas do tempo. Ela reage e grita para o médico: — Velho rabugento! Suportei-lhe a vida inteira. Se não quer que eu fale, então que morra! (Chiziane, 2004, p. 53).

O comportamento do marido reflete uma masculinidade centrada na posse do corpo, da voz e da autonomia da mulher, configurando-se como um mecanismo de manutenção da hierarquia de gênero. A fala autoritária e coercitiva é um instrumento de controle, que reforça a ideia de que a virilidade masculina se afirma não apenas pela força física, mas pelo domínio social, simbólico e afetivo sobre as mulheres em seu entorno.

Essa naturalização de papéis fica evidente em *Niketche*, em que o personagem Tony é retratado como chefe da família, aquele cujo prestígio social está diretamente relacionado ao número de esposas e filhos que acumula. A masculinidade, nesse contexto, não é apenas uma questão de identidade individual, mas um valor social, que confere status e legitimação.

Ao analisar essa força estrutural do patriarcado, Saffioti 2004, p. 107 destaca que o patriarcado presente em diversas sociedades africanas e muçulmanas ainda exerce forte influência, mantendo as mulheres em posição de subordinação em relação aos homens. Embora existam corações na intensidade desse domínio masculino, a lógica que o sustenta permanece semelhante: trata-se de um sistema legitimado pela própria naturalização das desigualdades de gênero.

Essa reflexão ajudar a compreender a postura de Tony, que se considera legitimado socialmente por possuir diversas mulheres, tratando-as como parte de seu patrimônio, como se cada uma fosse extensão de sua virilidade. O poder masculino, portanto, não é apenas resultado de uma relação de força, mas de um sistema cultural e simbólico que naturaliza o privilégio do homem e a subordinação da mulher.

Em uma conversa com Rami, Tony diz que irá se divorciar dela e rebaixa-la a mesma condição das demais, pois ela quem instigou as outras esposas a serem maldosas com ele. A protagonista não aceita, e Tony diz que mesmo assim irá assinar os papéis, rebaixando a esposa:

[...] Mas eu sou um galo, tenho a cabeça no alto, eu canto, eu tenho dotes para grandes cantos. Pois saibam que o vosso destino é cacarejar, desovar, chocar, olhar para a terra e esgaravatar para ganhar uma minhoca e farelo de grão. Por mais poder que venham a ter, não passarão de uma raça

cacarejante mendigando eternamente o abraço supremo de um galo como eu, para se afirmarem na vida. Vocês são morcegos na noite piando tristezas, e as vossas vozes eternos gemidos (Chiziane, 2004, p. 144).

Nesta passagem, Tony manifesta de forma explícita a lógica do poder patriarcal: ele se apresenta como "galo", símbolo de superioridade, virilidade e autoridade, enquanto as esposas são reduzidas a "cacarejar" e "morcegos", representando a submissão e a inferioridade feminina

No romance, Rami narra essa lógica com clareza, questionando a legitimidade do "grande homem", cuja grandeza perpassa multiplicação de esposas, riquezas e fama, transformando isso em um instrumento de dominação. Nesse contexto, o casamento poligâmico torna-se um palco de poder masculino, em que a mulher se torna um objeto de afirmação social.

Na obra, a masculinidade é apresentada como sustentáculo da autoridade patriarcal, mas Paulina Chiziane desconstrói essa lógica evidenciando as contradições da poligamia praticada por Tony, a autora reflete de modo crítico:

Poligamia não depende da riqueza ou da pobreza. É um sistema, um programa. É uma só família com várias mulheres e um homem, uma unidade, portanto. No caso do Tony são várias famílias dispersas com um só homem. Não é poligamia coisa nenhuma, mas uma imitação grotesca de um sistema que mal domina. Poligamia é dar amor por igual, de uma igualdade matematicamente exacta. É substituir o macho por um assistente em caso de incapacidade: um irmão de sangue, um amigo, um irmão de circuncisão. Circuncidado, o Tony foi. Irmão de circuncisão, terá algum? Não sei, nunca ouvi falar. A vida é a eterna metamorfose. Vejam só o meu caso. O meu lar cristão que se tornou polígamo. Era uma esposa fiel que tornei-me adúltera — adúltera não, recorri apenas a um tipo de assistência conjugal, informal, tal como a poligamia desta casa é informal. Mulheres já somos cinco. Filhos são dezasseis, contando com os que ainda estão nas barrigas das mães." (Chiziane, 2004, p.93).

Esse trecho é revelador porque expõe a incoerência entre o ideal e a prática masculina. Tony tenta se afirmar como patriarca e provedor, mas sua poligamia é desordenada, marcada pela desigualdade afetiva e pela ausência de responsabilidade. Sua masculinidade é, portanto, performativa: depende do olhar das esposas e da comunidade que o legitima como "homem poderoso". Quando esse olhar se rompe, sua autoridade se desestabiliza. Portanto, a crítica de Chiziane desloca o debate da tradição para o desmascaramento da lógica patriarcal, revelando como a masculinidade é construída pela posse e controle das mulheres.

A teoria de Raewyn Connell (1995) ajuda a compreender essa dinâmica. A autora define a masculinidade hegemônica como padrão dominante que sustenta a subordinação das mulheres e, simultaneamente, estabelece hierarquias entre os próprios homens. Para Connell, esse modelo é relacional, porque só existe em contraste com a feminilidade e com outras masculinidades consideradas inferiores. Tony encarna essa masculinidade hegemônica: sua identidade é construída na oposição a mulher submissa, servil, e em competição com outros homens, porque ele precisa provar continuamente sua virilidade, seu poder e sua fertilidade.

No entanto, como adverte Foucault (1988), "o poder se exerce mais do que se possui". Essa perspectiva permite compreender que o poder masculino de Tony depende da manutenção constante de uma performance. Ele precisa ser reconhecido como o "chefe" para continuar exercendo o domínio. Quando as esposas passam a se reunir, a partilhar dores e criar laços de solidariedade, essa estrutura de poder entre em colapso. O homem, antes centro da ordem, torna-se dependente da obediência feminina para sustentar sua própria identidade.

A masculinidade em *Niketche* é sustentada também pela objetificação do corpo feminino. Tony enxerga suas esposas como símbolo de status e fertilidade, o que remete à análise de Angela Davis em sua obra *Mulheres, raça e classe* (2016), ao analisar sobre a exploração das mulheres negras, explicando que nos sistemas de dominação a exaltação ideológica da maternidade as escravas:

Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram "reprodutoras" – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar. (Davis, 2016, p. 26).

Embora Davis se refira ao contexto da escravidão, o raciocínio ecoa em *Niketche*, onde a maternidade das mulheres é manipulada como extensão do poder masculino, assim medido pela fecundidade feminina. Para Tony, não basta ter esposas, é preciso que ela gere filhos para que ele tenha prestígio.

Essa ideia dialoga com que Grada Quilomba (2019) aponta em *Memórias da plantação*, amplia esse raciocínio ao afirmar que o patriarcado e o colonialismo estruturam um imaginário em que o corpo da mulher negra é simultaneamente hipersexualizado e subalternizado, sendo visto como propriedade e território de

controle. Em *Niketche*, as esposas de Tony funcionam como campo simbólico em que se exerce e se confirma o poder masculino.

O controle sobre o corpo feminino também se expressa nos discursos de obediência e submissão. Em uma das passagens mais reveladoras, Rami reflete: “Enquanto isso, os homens vão para a escola do pão. Enquanto eles aprendem a escrever a palavra vida no mapa do mundo, nós vamos pela madrugada fora, atrás das nossas mães, espantar os pássaros nos campos de arroz”. (Chiziane, 2004, p. 290). Nesse trecho, a desigualdade de gênero é escancarada, pois enquanto os homens ocupam o espaço público e do conhecimento, às mulheres resta a reprodução da vida e o trabalho invisível. Essa divisão simbólica reforça o poder masculino como resultado da exclusão sistemática das mulheres.

Em *Niketche*, essa naturalização entre dominante e dominado é perceptível em Tony, que internaliza sua autoridade sem questioná-la, acreditando que ser homem implica comandar, possuir e silenciar. Sua virilidade, construída socialmente, sustenta-se justamente nessa falsa universalidade do masculino, dominação com a natureza.

Manuel Castells (1999) reforça essa leitura em *O poder da identidade* (1999), ao afirmar que o poder se exerce fundamentalmente por meio da construção de significados na mente dos indivíduos e grupos sociais. Assim, a masculinidade hegemônica, sustentada pelo prestígio da poligamia, não é apenas uma prática social, mas uma forma de subjetivação que impõe ao homem o ideal de posse e a mulher uma identidade de sujeição.

No entanto, esse poder masculino mostrada em *Niketche* também se torna frágil e contraditório. Tony, apesar de se apresentar como grande chefe de família, depende do silêncio e da obediência de suas esposas para sustentar sua masculinidade. Quando essas mulheres começam a se reunir, a compartilhar dores e a tecer solidariedade, seu poder é ameaçado, revelando que o modelo patriarcal não é natural nem inabalável, mas construído sobre a opressão e, portanto, passível de ruptura.

Assim, a masculinidade na sociedade poligâmica representada por Chiziane aparece como um modelo hierárquico e violento, que associa poder à dominação de corpos e subjetividades. Contudo, ao expor suas contradições, o romance revela que esse modelo é insustentável. O homem patriarcal, longe de ser invulnerável, é

também prisioneiro da lógica de poder que criou. Tony precisa prova constantemente sua masculinidade, e é justamente nesse esforço que se revela sua fragilidade.

Portanto, *Niketche* desvela o masculino como construção social está marcada por uma virilidade compulsória e pela necessidade de controle. Ao desnudar o patriarca, Paulina Chiziane não apenas critica o poder masculino, mas demonstra que assim como as mulheres o homem também é produto de um sistema que obriga a dominar para existir. Essa é a atenção que prepara o terreno para a crise da masculinidade, um colapso simbólico e ético que se delineia à medida que as mulheres mantêm silêncio e reconfiguram as relações de gênero.

4.2 A crise da autoridade masculina: quando o poder é desafiado.

A masculinidade representada em *Niketche: uma história de poligamia* atravessa uma profunda crise quando as bases simbólicas que sustentavam a autoridade de Tony começam a ruir. A estrutura familiar, antes marcada pelo domínio masculino e pela obediência das esposas, se desestabiliza à medida que as mulheres passam agir coletivamente, transformando o silêncio em fala e a submissão em solidariedade. A figura do "grande homem", que acreditava deter o controle absoluto sobre o lar, é gradualmente desfeita pela força das próprias relações que buscava dominar.

No romance, Paulina Chiziane realiza um dos gestos mais ousados de sua escrita: desmonta o edifício da masculinidade patriarcal por dentro, fazendo com que o próprio patriarca Tony seja corroído pelas mesmas estruturas de poder que o sustentavam. A crise da autoridade masculina não é apenas uma mudança de comportamento individual, mas a metáfora de um colapso social e simbólico: o fim do homem como centro do mundo.

Pierre Bourdieu (2012), em *A dominação masculina*, argumenta que o poder patriarcal depende da crença compartilhada em sua legitimidade. Quando essa crença se rompe, a dominação perde eficácia. Segundo o autor o poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhe são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder. (Bourdieu, 2012, p.52). Em *Niketche*, essa cumplicidade começa a desaparecer quando as esposas de Tony se unem e passam a ver o patriarca não mais como o senhor, mas como um homem comum, vulnerável, incapaz de manter o controle sobre o próprio império doméstico.

A narrativa revela de forma pungente a desestruturação simbólica do poder masculino quando confrontado pela insubordinação feminina. Tony, patriarca autoproclamado é o centro de um sistema sustentado pela obediência e pelo silenciamento das mulheres. No entanto, ao longo do romance a estabilidade desse domínio é corroída pela tomada de consciência das esposas, especialmente de Rami, que começam a contestar a legitimidade dessa autoridade. Assim, a crise de Tony não é apenas pessoal, mas estrutural: é a falência de um modelo de masculinidade baseado na posse, na virilidade e na submissão da mulher.

Essa ruptura se manifesta de forma explícita na cena do Kutuchinga, em que Rami, submetida a uma cerimônia tradicional, confronta Tony com uma lucidez irônica que expõe o caráter arbitrário da dominação masculina:

- Há poucas horas, nesta madrugada. Sou tchingada de fresco. Ele olha para o relógio. São dez horas da manhã.
- Quem foi o tal?
- Foi o Levy
- Não reagiste, não resististe?
- Como? É a nossa tradição, não é? Não me maltratou, descansa. Foi até muito suave, muito gentil. É um grande cavalheiro, aquele teu irmão. Falo com muito prazer e ele sente a dor de marido traído. No meu peito explodem aplausos. Surpreendo-me. Sinto que endureci nas minhas atitudes. O meu desejo de vingança é superior a qualquer força deste mundo.
- És uma mulher de força, Rami. Uma mulher de princípios. Podias aceitar tudo, tudo, menos o kutchinga.
- Ensinaste-me a obediência e a submissão. Sempre te obedeci a ti e a todos os teus. Por que ia desobedecer agora? Não podia trair a tua memória. (Chiziane, 2004, p.196)

Ao ser questionada sobre o motivo de não ter resistido ao ritual, ela responde:

- Rami, tu sabias que não era eu, tu sabias.
- Sabia, sim. Mas quem me iria ouvir? Alguma vez tive voz nesta casa? Alguma vez me deste autoridade para decidir sobre as coisas mais insignificantes da nossa vida? O que querias tu que eu fizesse? (Chiziane, 2004, p.197).

Nessa passagem, Rami devolve ao marido o próprio discurso da obediência, a lição apreendida com ele torna-se instrumento de denúncia. O gesto de "obedecer" à tradição é, paradoxalmente, o modo de evidenciar o absurdo da sujeição que sempre silenciou. A cena marca o momento em que a mulher transforma submissão em estratégia de resistência, desestabilizando o poder patriarcal. Conforme argumenta Raewyn Connell (1995) a masculinidade hegemônica se sustenta pela crença na naturalidade da autoridade masculina e na aceitação das hierarquias de gênero. Quando essa crença é desfeita, a hegemonia entra em colapso. É o que ocorre aqui:

Rami desmonta o mito da virilidade ao revelar que o poder de Tony não é força, mas convenção social.

A partir desse ponto, a relação entre os dois invertem. Tony, outrora símbolo da virilidade torna-se dependente emocionalmente da mulher que antes controlava. Em uma das cenas mais simbólicas, Rami se recusa a retornar à casa conjugal e anuncia sua libertação:

— Nada me interessa, nem tu, nem a casa, nem nada. Em cada compartimento vejo a imagem da tua morte. Não quero mais voltar a esta vida. Vou recomeçar. Tenho cabelo branco neste couro, mas na alma uma grande força. Vou recomeçar” (Chiziane, 2004, p. 202).

A fala representa uma decisão irreversível: Rami rompe não apenas com o marido, mas com o próprio lugar que a sociedade lhe atribuía. Essa é a verdadeira desobediência, o abandono da estrutura patriarcal como forma de reconstruir-se enquanto sujeito. Pierre Bourdieu (1998) explica que a dominação masculina se perpetua quando as mulheres internalizam o "habitus" da subordinação, ou seja, quando a hierarquia é vivida como natural. Ao recusar o retorno, Rami rompe com esse habitus e inaugura uma nova consciência de si. Tony, despojado do olhar feminino que o legitimava, perde o espelho que confirmava sua virilidade.

No entanto, o patriarca tenta reafirmar sua autoridade, como se buscasse sustentar o edifício que já desmoronou. Em tom desesperado, ele reivindica a posse das esposas evocando o direito tradicional sobre seus corpos:

— Vocês são minhas, conquistei-vos. Comprei-vos como gado. Domestiquei-vos. Moldei-vos à medida dos meus desejos, não quero perder nenhuma. E tu, Rami, devias ficar do meu lado, no manejo deste gado, para isso és a primeira. Devias guiar os passos das outras. Velar pela fidelidade conjugal de todas elas. Mas cruzaste os braços e passaste para o lado delas. Contra mim, que te levei ao altar e te dei estatuto de rainha deste mulherio. Nas vossas reuniões de mulheres só os vossos interesses é que contam (Chiziane, 2004. p. 234).

Aqui, o discurso masculino assume o caráter anacrônico e grotesco: o homem que se acreditava senhor das mulheres reduz-se a uma caricatura de poder, mostrando que o gesto de nomear e reivindicar a posse é o último suspiro de um patriarcado moribundo. Como lembra Michel Foucault (1976), o poder não é uma substância, mas com relação; ele só existe enquanto há sujeição. Assim, quando as mulheres retiram sua adesão, o poder masculino esvazia-se de significado. O patriarca fala, mas já não é ouvido, sua autoridade converte sem eco de um tempo extinto.

Esse processo de deslegitimação da masculinidade é também um desmoronamento interno. Sua voz, antes autoritária, torna-se hesitante. Sua virilidade, motivo de vergonha. Ele percebe que o poder não é uma substância que se possui, mauma relação, quando as mulheres deixam de obedecer, o poder simplesmente se dissolve.

Essa desautorização é também uma crise de identidade, pois as estruturas que garantiu o monopólio do poder estão em colapso. Tony enfrenta esse desajuste, pois tenta manter a posição de provedor, mas é confrontado por um mundo onde as mulheres já não dependem dele. Sua humildade perde o valor da troca social, sua autoridade outrora indiscutível transforma-se em farsa.

Em *Niketche*, masculinidade é, portanto, construção em ruína. O patriarca moçambicano não é apenas um indivíduo, mas o símbolo de uma ordem cultural em declínio. O que Chiziane realiza, literalmente, é o desmascaramento da dominação. O homem que antes acreditava ser senhor, torna-se figura trágica, abandonado, desacreditado e desarmado diante da força silenciosas das mulheres que aprenderam a resistir

4.3 Relações hierárquicas e desequilíbrio de poder: a estrutura patriarcal em colapso

A dissolução da autoridade de Tony culmina na desagregação da própria estrutura patriarcal que o legitimava. Se em um primeiro momento o poder masculino se sustenta sobre o discurso da tradição, da posse e da virilidade, no desenrolar de *Niketche* peça estrutura implode diante da recusa feminina e da incapacidade do Homem de se manter como eixo de poder. Paulina Chiziane, por meio da ironia e da inversão simbólica, revela que o patriarcado não é uma lei natural, mas uma construção social fadada a crise quando seus fundamentos que são obediência, silêncio e dependência, são desfeitos.

Pierre Bourdieu (1998), em *A dominação masculina*, explica que essa hierarquia é sustentada pela naturalização das diferenças de gênero, transformando o privilégio masculino em algo invisível e legítimo. Para o autor:

as normas pelas quais as mulheres são medidas nada têm de universais. O feminismo dito universalista, por ignorar o efeito de dominação, e tudo aquilo que a universalidade aparente do dominante deve à sua relação com o dominado — no caso, tudo que diz respeito à virilidade —, inscreve na

definição universal do ser humano propriedades históricas do homem viril, construído em oposição às mulheres. (Bourdieu, 19998, p.78)

Em *Niketche*, Tony é a personificação desse “homem universal”, pois é aquele que acredita ser autorizado a dominar, possuir e definir os contornos do mundo à sua volta. No entanto, à medida que as mulheres se insurgem, essa naturalização se desfaz e a autoridade que antes era incontestável passa a ser questionada, e por fim, ridicularizada.

O colapso desse sistema é dramatizado em várias cenas nas quais Tony se vê impotente diante das mulheres que antes controlava. Uma das passagens mais emblemáticas ocorre no confronto com Luísa, quando ela enfrenta e subverte a lógica de posse e obediência:

— Por que partes, minha Lu?
 — Porque chegou a hora.
 — Tu és minha!
 — Onde está o título de propriedade?
 — Lobolei-te.
 — Não basta.
 — Devolve o lobolo que paguei.
 — Devolvo, sim. O dobro, se quiseres. Mas devolve-me antes toda a felicidade que te dei.
 — Deixa os meus filhos e vai-te.
 — Que poder paternal queres ter, se nunca foste pai nenhum? (Chiziane, 2004, p. 237)

Esse diálogo sintetiza a falência da estrutura patriarcal: o *lobolo*, símbolo da autoridade masculina, já não garante obediência; o poder do homem é esvaziado de sua legitimidade. A ironia de Luísa “-Onde está o título de propriedade?” Desvela a dimensão mercantil da relação, mas também a fragilidade da masculinidade que se apoiava na dominação. Tony tenta reafirmar-se pela violência, mas seu gesto é débil e símbolo:

Ele tenta dar-lhe um soco na cara, o último. Um soco de despedida. Para se vingar e fazer dela a noiva de olho inchado no dia do casamento. O seu braço é uma arma. Fecha o punho como uma funda. Lança. Mas o gesto é lento, é fraco. Faz um lançamento sem grito, sem inspiração, sem alma. Ela esquiva-se e a funda perde-se no ar. Segura-a pelos dois braços e sacode-a, como a um ar- busto. Mas a Lu é aranha. Escorpião. Vespa. É ela quem ataca. Dá uma dentada funda, de vampira, no braço gordo que sangra. Ele solta-a, num grito: Assassina! Milagre, ele não reage. E sente a mordedura do lado mais sensível do coração. (Chiziane, 2004, p. 274)

A violência física, outrora instrumento de controle, converte-se em sinal de fraqueza. Essa cena evidencia o pensamento de Pierre Bourdieu (1998) ao denominar que a posse masculina tem sua força na cumplicidade dos dominados, e quando essa

cumplicidade é rompida, a hierarquia vacila. A rebeldia de Luísa não é um ato isolado, mas o sintoma de um desmoronamento mais amplo: as mulheres não apenas se recusam a obedecer, mas passam a redesenhar as relações de poder, esvaziando a lógica que sustentava o patriarcado

Michael Foucault (1988) em *História da sexualidade* observa que o poder se esvazia:

- que o poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis; — que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhes são imanentes; são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdade e desequilíbrios que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações; as relações de poder não estão em posição de superestrutura, com um simples papel de proibição ou de recondução; possuem, lá onde atuam, um papel diretamente produtor; (Foucault, 1988, p. 89-90)

Essa dissolução do poder torna-se visível no romance, em que Tony torna-se incapaz de manter o controle sobre suas esposas, passa de chefe a espectador da própria ruína. Sua virilidade, antes afirmada pela quantidade de mulheres, é agora posta em dúvida pela autonomia que elas passam a exercer. Essa concepção de Foucault (1988) permite compreender que a crise masculina não representa simplesmente a perda de um poder individual, mas o colapso de uma rede de relações hierárquicas que sustentavam sua autoridade patriarcal. À medida que as esposas se afastam, desafiam suas ordens e constroem novas formas de vida, a própria estrutura que sustentava a masculinidade hegemônica se dissolve. O patriarca, outrora símbolo de comando, vê-se reduzido a solidão e a impotência evidenciando que o poder masculino em *Nikette* não é natural, mas uma relação frágil, dependente da obediência e do silêncio das mulheres, elementos que, uma vez rompidos, fazem desmoronar todo o edifício patriarcal.

Essa perda de controle é ampliada no final do romance, quando Tony reconhece pela primeira vez a falência de seu modelo de vida:

Fiz do amor um jogo suicida e os vossos choros me perseguem como fantasmas. Ter muitas mulheres não é ser macho, é ser pasto. Nem sei como esses filhos nasceram ou cresceram. Nunca acompanhei as mães à maternidade, nunca os peguei ao colo, são tantos que até lhes troco os nomes, nunca fui aos aniversários deles. — Isso são tarefas de mulher, Tony — Vocês todas juntas são leas soltas na arena. Derrubaram-me, Rami. Acabaram comigo. (Chiziane, 2004, p. 330)

O discurso do patriarca, antes arrogante, torna-se confissão. A masculinidade construída sobre o domínio revela seu vazio, o "macho" reconhece que sua virilidade foi uma performance sustentada pela alienação afetiva. Esse reconhecimento tardio é, para Chiziane, o símbolo do colapso do patriarcado: um poder que já não convence nem quem exerce.

Raewyn Connell (1995) ajuda a compreender essa desagregação ao afirmar que a masculinidade hegemônica é uma configuração de práticas que garantem a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres, mas que, como qualquer hegemonia, é instável e sujeita a crise. Em *Niketché*, essa instabilidade atinge o ápice quando Tony pede todas as esposas e se ver reduzido a solidão e ao desamparo. O que era a autoridade torna-se mendicância emocional, como se lê quando ele implora a Rami para que diga que o filho que ela carrega é seu

Diz que é meu, diz e salva-me. Ruínas de uma família. A Lu, a desejada, partiu para os braços de outro com véu e grinalda. A Ju, a enganada, está loucamente apaixonada por um velho português cheio de dinheiro. A Saly a apetejada, enfeitiçou o padre italiano que até deixou a batina só por amor a ela. A Mauá, a amada, ama outro alguém. (Chiziane, 2004, p. 332)

Esse pedido de salvação é simbólico: o homem que antes acreditava ser o "salvador" das mulheres, agora implora para ser salvo. A inversão dos papéis revela o colapso da hierarquia patriarcal: o poder que antes fluía verticalmente se dissolve na horizontalidade das relações humanas.

A crise de Tony é também a crise de um sistema de resignificação, as mulheres produzem essa resistência não por meio da guerra aberta, mas pela autonomia: casam-se novamente, engravidam de outros homens e constroem novos modelos de existência. O patriarcado ruirá não porque é atacado de fora, mas porque implode por dentro, pela deserção de suas próprias sujeitas.

Assim, a estrutura patriarcal representada por Chiziane desmontada por uma sucessão de gestos simbólicos: a desobediência, a recusa, a fala e, sobretudo, o abandono a derrocada de Tony é o retrato da masculinidade em decomposição uma figura que encarna o fim de uma ordem e a emergência de outra, na qual as relações de gênero já não se sustentam pela dominação, mas pelo conhecimento mútuo da diferença. O colapso, portanto, não é apenas o fim de um homem, mas o colapso de uma cultura que acreditava ser possível fundar um amor na obediência e o poder na desigualdade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo desse trabalho permitiu responder à questão central que o orientou: “De que maneira a obra *Niketche: uma história de poligamia* critica a estrutura patriarcal da sociedade moçambicana e problematiza as relações de gênero, especialmente no que se refere ao papel da mulher, à masculinidade e à hierarquização nas relações de poder dentro do contexto da poligamia?” A investigação demonstrou que o romance de Paulina Chiziane se constitui como uma narrativa profundamente engajada, capaz de tensionar os fundamentos culturais que sustentam a dominação masculina, ao mesmo tempo que oferece caminhos simbólicos para a reconstrução de subjetividades femininas em um contexto atravessado pelo colonialismo, pela poligamia e pela desigualdade de gênero.

O percurso teórico proposto abrangeu a construção social do feminino em sociedades africanas lusófonas, especialmente Moçambique, a emergência das vozes subalternas e a cidade da masculinidade patriarcal, possibilitando compreender de modo articulado como Chiziane apresenta mulheres submetidas a um conjunto complexo de opressões, mas também capaz de resistir, reinventar-se e alterar a configuração de relações de poder profundamente enraizadas.

No primeiro capítulo, observou-se que a condição feminina em Moçambique resulta de uma sobreposição de práticas patriarcais ancestrais, e de normas coloniais portuguesas que reforçam modelos de domesticidade, submissão e dependência. A obra de Chiziane evidencia de forma literária essa dupla camada de dominação: as personagens são educadas para obedecer, servir e permanecer em silêncio, mas, gradualmente, contestam esses papéis. Assim, verificou-se que *Niketche* não apenas retrata a realidade das mulheres africanas, mas também ressignifica o feminino ao expor, de modo crítico o processo histórico de adestramento das mulheres e suas fissuras.

No segundo capítulo, referente à condição subalterna, o estudo demonstrou que o romance funciona como um espaço simbólico de rompimento do silêncio. Através de Rami e das demais esposas, Paulina Chiziane cria um território de fala que subverte a lógica colonial e patriarcal. A análise confirmou, portanto, que o romance materializa a pergunta teórica de Spivak “Pode o subalterno falar?” Ao permitir que mulheres historicamente silenciadas narrem suas dores, negociem sentidos e

constituam um discurso coletivo de resistência. A voz feminina deixa de ser fragmentada e subterrânea e torna-se força política, elemento transformador das relações dentro da poligamia.

No terceiro capítulo, analisou-se a crise da masculinidade e da fragilização da autoridade patriarcal, especialmente na figura de Tony. A obra demonstra que o poder masculino, conforme discutido por autores como Pierre Bourdieu e Raewyn Connell, não é substância fixa, mas relação que depende da crença social em sua legitimidade e da cumplicidade dos subordinados. Quando as mulheres deixam de aderir ao modelo de obediência, o sistema entra em colapso. Essa dinâmica é minuciosamente explorada na narrativa, em que Tony, antes chefe incontestável do "império doméstico", ver sua autoridade implodir diante da insubordinação das esposas. Sua virilidade que antes era sustentada pela posse de diversas mulheres, desfaz-se quando elas conquistam a autonomia afetiva, econômica e simbólica. Os trechos escolhidos da obra ilustram essa deterioração gradual: o marido, outra hora temido, torna-se um homem desesperado, implorando o amor, reconhecimento e salvação. Assim, Chiziane expõe o patriarcado não como a estrutura natural, mas como construção que falha quando suas bases de controle são contestadas.

Diante dessas constatações, conclui-se que os objetivos do trabalho foram plenamente alcançados. Foi possível demonstrar que *Niketche* constitui uma crítica profunda e multifacetada ao patriarcado moçambicano, ao mesmo tempo que propõe novas formas de subjetivação feminina e revela a crise da masculinidade hegemônica. A pesquisa evidenciou que Paulina Chiziane não apenas denuncia desigualdades históricas, mas também cria, literalmente, espaços de reinvenção e resistência. As personagens femininas, ao romperem com padrões impostos, inauguram formas alternativas de sociabilidade, maternidade, identidade e poder. Assim, o romance, além de retratar um contexto específico, dialoga com questões universais sobre gênero, opressão e emancipação.

Como encaminhamentos futuros, sugere-se que novas pesquisas aprofundam a leitura de *Niketche* em diálogo com outras obras de autoria feminina africana, explorando a construção da memória, pós colonialismo e a crítica à violência de gênero. Também é relevante expandir a análise para contextos comparativos entre literatura africana lusófona e brasileira, especialmente no que diz respeito às experiências das mulheres negras e às formas de resistência coletiva. Outra possibilidade é investigar a recepção da obra em diferentes espaços acadêmicos e

sociais, avaliando seu impacto na discussão contemporânea sobre feminismo africano. Portanto, esse estudo não encerra a reflexão sobre o tema; antes, abre caminhos para investigações que reconheçam a potência da literatura como espaço de denúncia, memória e transformação.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BAMISILE, Sunday Adetunji. **Questões de gênero e da escrita no feminino na literatura africana contemporânea e da diáspora africana**. 2012. Tese (Doutoramento em Estudos Literários, Especialidade em Literatura Comparada) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CONNELL, R. W. 1995. **Masculinities: Knowledge, power and social change**. Berkeley/Los Angeles: University of Califórnia Press.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006. 102 p.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia de gênero**. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.
- PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2019.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica feminista**. In: ZOLIN, Lúcia Osana; BONNICI, Thomas. Teoria Literária. 2. ed. rev. e ampl - Maringá: Eduem, 2005.